



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DEDC I
CENTRO DE ESTUDOS EM GÊNERO, RAÇA/ETNIA E SEXUALIDADE DIADORIM
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO, RAÇA/ETNIA E SEXUALIDADE NA
FORMAÇÃO DE EDUCADORAS(ES)-CEGRESFE**

MARIA ASSUNÇÃO SANTOS OLIVEIRA

A COR DA BENÇÃO
ANCESTRALIDADE, ESSÊNCIA, SEGREDOS

SALVADOR - BA
2019

MARIA ASSUNÇÃO SANTOS OLIVEIRA

A COR DA BENÇÃO
ANCESTRALIDADE, ESSÊNCIA, SEGREDOS

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade na Formação de Educadoras(es) como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista pelo Departamento de Educação Campus I, da Universidade do Estado da Bahia.

Orientadora: Prof^a Ms. Virgínia de S. Cordolino Nunes

SALVADOR-BA
2018

Com Deus me deito, com Deus me levanto, Nossa Senhora me cubra com vosso
valeroso, amoroso e divino manto.

Não me deito só, clamo, pois tenho minha boa companhia, quem me acompanha é a
Virgem Maria. Fico muito bem acompanhada, com ela em minha cabeceira, Nossa
Senhora e mais nada. Me valha minha Virgem Maria, me valha minha Santa Cruz. É
bom, eu vou deitar com Maria e levantar com Jesus.

Meu Jesus Senhor dos Passos, filho da Virgem Maria, me valha, me guarde de noite
e de dia, como Vós foi bem guardado no ventre da Virgem Maria nove meses e
tantos dias. Nem meu corpo seja preso, nem meu sangue derramado, nem minha
alma ofendida Oh meu Jesus, Santa Maria!!!

Quando o padre diz a missa, Nosso Senhor benze o altar, eu benzo meu corpo,
benzo meu corpo, benzo meu corpo (*faz sinal da cruz*), na hora de me deitar e para
eu levantar e no chão pisar e os troços ruins converter do meu carnal.

Nos meus aposentos estou seguro, mergulho nas minhas orações, não há olho
grande no meu carnal. Quem crê em Deus Nosso Senhor Jesus Cristo, que em tudo
que crê em cima da terra, nos céus, na fé de Deus, é de viver e morrer no amor de
Deus. Por isso, vivo pedindo e rogando a Deus, que todo mal que venha me abater
seja convertido para o inferno. Meu coração está em Deus, pois é meu dever e
minha salvação.

Eu creio em Deus e em Nosso Senhor Jesus Cristo. Quem tudo crê na fé de Deus é
de viver e morrer, pedindo e rogando a Deus que todo o mal Deus condene *pra* o
inferno, Meu coração está em Deus que é meu dever e minha salvação.

Eu peço a Deus, pois é Deus sobre tudo, Nosso Senhor pode tudo na sombra, na
paz de Deus comigo. Só Deus, Nosso Senhor dos Passos, pode fazer tudo comigo,
pois Deus que é meu Pai(benze). Só peço a Deus que é meu pai, que todo mal,
Deus condene e seja convertido para o inferno, com as forças de Deus, para séculos
sem fim amém. (Pai, Filho, Espírito, Santo amém)

(Tia Quinha, *reza*)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me concedido sabedoria e equilíbrio nos momentos mais angustiantes de minha vida e a todas as energias positivas que emanam do Universo, que sempre estão a me cobrir. Agradeço infinitamente a Deus, por minha mãe, pois com seu valoroso exemplo de vida, que sempre possibilitou a conquista dos meus projetos e me ensinou a lutar e correr em busca dos meus sonhos. Você, minha mãe Milú, é minha cumeeira, minha muralha, minha fortaleza e sempre será o meu bem mais precioso: “Iyá ni wurá”.

Agradeço à personagem principal dessa dissertação: Tia Quinha, meu amor, exemplo de fé, perseverança, de força, de paz. “*Motumbá, Kolofé, Mukuiu, Benói, Benção* Tia Quinha”.

Aos nossos colegas e professores que a vida nos presenteou nessa jornada. Com vocês aprendemos e ganhamos com a convivência. Cada um em sua particularidade, são bênçãos especiais do Criador.

Agradeço ao meu esposo José, que contribuiu das mais diversas formas, para edificação deste trabalho. As viagens, o entusiasmo, a força... sua colaboração foi de um valor inestimável. Que nossos laços e abraços sejam duradouros

Às minhas filhas Luana e Luma, bem maior que Deus me presenteou. Por vocês, minha luta, minha vida, meu caminho em busca do arco-íris, pois vocês são os meus tesouros.

Por fim, meus netos, amor eterno, inexplicável, laços que me fazem estar sempre nos braços do Criador. Lis e Saul o simples fato de existirem, já me torna uma pessoa iluminada.

Amo Vocês!

Às mulheres de minha vida

(Tia Quinha, Milú, Luana, Luma, Lis)

Chamam de louca, a mulher que desafia as regras e que não se conformam

Chamam de louca, a mulher cheia de erotismo, de vida e de tesão.

Chamam de louca, a mulher que resiste e não desiste

Chamam de louca, a mulher que diz sim e a mulher que diz não

Não importa o que façamos, nos chamam de louca.

Se levamos a fama, vamos sim deitar na cama, vamos sabotar as engrenagens deste sistema de opressão.

Vamos sabotar as engrenagens desse sistema homofóbico, racista, patriarcal, machista e misógino.

Vamos jogar na fogueira as camisas de força da submissão, da tirania e da repressão

Vamos libertar todas nós e todos vocês!

Nossa luta está apenas começando, prepare-se porque esta revolução não tem volta.

Vamos sabotar tudo isso?

Fernanda Lima

Programa Amor e Sexo

Nas encruzilhadas da vida nos encontramos, aliás nas encruzilhadas de muitas vidas. Nossa aliança, amor, cumplicidade, crença, carinho, espiritualidade... nós duas sabemos que não é coisa desse mundo, são coisas de vidas. Somos almas afins, nossa felicidade no encontro e saudade na despedida. Só vinemos separadas pelo tempo no encontro do caminho neste plano, traçado também por nosso laço parentesco. Falar da mestra, da mãe, da tia, que acreditamos conhecer não é difícil e meu carinho eterno por Tia Quinha é descrito em cada linha, como bênçãos.

Trago um aprendizado de minha mãe Milú, fortalecido por Tia Quinha, com as bênçãos e benzeduras de Apolinária (mãe Tia Quinha). Creio que nossa junção não foi por acaso. Mesmo sentimento quando na lembrança de Milú e o choro de Tia Quinha ao lembrar de Apolinária, dizendo que não há doce mais doce que nossa mãe e quando a perdemos um lado nosso fica meio amargo, só reforça nossa cumplicidade, pois quando juntas estamos, sentimos a presença das duas, espiritualidade especial, grandiosa, que fortalece a mim e a Tia Quinha.

Quando Tia Quinha me reza, Apolinária sacode as folhas e Milú fica sorrindo... sempre nos encontramos em quarteto, é um presente e só nós duas testemunhamos esse encontro límpido, puro, de bênçãos, de crenças da qual compartilhamos no fazer, no olhar, no gesto. Sintonia que o universo testemunha e o vento nos batiza com sua brisa e a ancestralidade abençoa com sorrisos de sabedoria, num rosto enrugado, vivido, experiente. Elevação de almas, bênçãos dos guardiões da mata, da água, da terra, do ar, numa só cumplicidade do bem, do amor, da cura, da paz.

Tia Quinha é uma sacerdotisa das folhas que cura... e quando perto dela estou, até minha alma fica curada, canta e fica leve. Somos criaturas eternas e nos reencontramos nesta vida que ora passamos.

Minha benção Tia Quinha!!!

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como norte as práticas de rezas e curas empreendidas pelas rezadeiras no cotidiano das comunidades rurais do Recôncavo da Bahia, em particular, no Rio da Dona, área situada no município de Santo Antônio de Jesus. A escrita documenta e analisa a vida de Tia Quinha e a sua prática de rezar pessoas, tanto da sua comunidade quanto de outros lugares. Procurada para curar diversos males, a rezadeira com 109 anos, compreende que rezar é um ofício possibilitado por um dom divino. A atividade de rezar no contexto sociocultural do Recôncavo é realizada, na maioria das vezes, por mulheres que exercem essa atividade. São elas sujeitos históricos, descendentes de escravizados, integrantes das classes trabalhadoras e negras, introduzidos no mundo do trabalho ainda na infância. O conhecimento de benzedeira é aprendido através da oralidade, o que permite que essa atividade seja passada de geração a geração. Hoje, reconhecida como patrimônio da cultura imaterial, passível de registro, o ofício de rezar visa, através do contato com o sobrenatural e com o poder das ervas, curar pessoas, transcendendo a dura realidade em um universo em que a medicina ortodoxa e o deficitário sistema de saúde nem sempre se mostram eficazes. No contexto desta pesquisa, a análise documental, oralidade, memória, tradição e ancestralidade são pontos essenciais na escrita centrada em depoimentos, pois as fontes orais constituem material privilegiado para a reflexão das práticas culturais das rezadeiras. É justamente na memória desses sujeitos que se encontram experiências acumuladas de suas vidas e é oportuno ressaltar que, no próprio universo da benzeção, formado de integrantes das camadas afro-brasileiras empobrecidas, em grande escala, mantém-se a força da tradição oral, sendo a observação e a fala os principais veículos de transmissão do saber e permitindo assim, visualizar e vivenciar uma historicidade da qual Tia Quinha é mensageira e guardiã.

Palavras-chaves: Religiosidade. Oralidade. Memória. Ancestralidade. Tradição.

ABSTRACT

The present Conclusion Work focuses on prayers and cures practiced by the prayers in the daily life of the rural communities of the Recôncavo da Bahia, in particular, in the Rio da Dona, an area located in the municipality of Santo Antônio de Jesus. It documents and analyzes the life of Aunt Quinha, now 109 years old and her practice of praying people from her community and other places. Wanted to heal various evils, the rezadeira understands that to pray someone is a craft and is made possible by a divine gift. The activity of praying in the sociocultural context of the Recôncavo is carried out, in most cases, by women who carry out this activity. They are historical subjects, descendants of slaves, members of the working and black classes, introduced into the world of work in their childhood. The knowledge of benzedeira is learned through orality, which allows this activity to be passed down from generation to generation. Today, recognized as a patrimony of immaterial culture, subject to registration, the office of prayer aims, through contact with the supernatural and with the power of herbs, to heal people who transcend the harsh reality in a universe where orthodox medicine and health system are not always effective. Documentation, orality, memory, tradition and ancestry are essential points in this work centered on testimonies, since the oral sources are a privileged material for the reflection of the cultural practices of the rezadeiras. It is precisely in the memory of these subjects that they find accumulated experiences of their lives and it is opportune to emphasize that, in the very universe of the blessing, formed of members of the impoverished Afro-Brazilian layers, on a large scale, the strength of the oral tradition remains. observation and speech the main vehicles of transmission of knowledge and thus allowing us to visualize and experience a historicity of which Aunt Quinha is a messenger and guardian.

Keywords: Religiosity. Orality. Memory. Ancestrality. Tradition.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Tia Quinha rezando criança de olhado.....	31
Figura 2	Tia Quinha rezando a coluna.....	32
Figura 3	Tia Quinha rezando uma criança pagã.....	33
Figura 4	Tia Quinha rezando dor cabeça por resguardo quebrado.....	53

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. TIA QUINHA MULHER CENTENÁRIA.....	16
2.1 Segredos, vivência, sabedoria.....	16
2.2 Tradição e ancestralidade.....	23
2.3 Guardiã do saber.....	34
3. A MISSÃO DE REZAR.....	43
3.1. Reza é ajuda divina.....	43
3.2. A cor da benção: Motumbá, Mukuiu, Kolofé.....	56
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS.....	72
APÊNDICE A – Enfermidades.....	76
APÊNDICE B – Ervas e raízes medicinais.....	79
APÊNDICE C – Roteiro de entrevista.....	82

1- INTRODUÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso ora apresentado tem como enfoque as práticas de cura no Rio da Dona zona rural de Santo Antônio de Jesus (Bahia), objetivando identificar e documentar o processo dessas práticas através da trajetória da rezadeira Tia Quinha, que há mais de 100 anos exerce, com seu conhecimento, a prática de curar pessoas que creem no poder terapêutico das ervas e das rezas.

Localizada no Recôncavo Sul da Bahia, a 187 km da capital, Santo Antônio de Jesus possui, segundo os dados do Censo/IBGE de 2012, cerca de 90.985 habitantes, desse total mais de 87,15% vivem no perímetro urbano e 12,84% na zona rural.

Embrenhar no tema acerca das rezadeiras, em especial sobre Tia Quinha, é também discorrer sobre experiências vividas: é através dos relatos de Tia Quinha que notamos o quanto a espiritualidade norteia o círculo familiar muito por histórias dos seus ancestrais, lembrados com esmero. Sentia-se triste ao lembrar que sua irmã laiá e sua sobrinha Milú, reclamavam e repudiavam um tronco no seu terreiro onde foram castigadas algumas pessoas. Esse tronco ficou como símbolo dos maus tratos, pois o dono da terra, dindinho Antonio não deixou tirar quando passou aquelas terras para suas filhas. Hoje esse símbolo de tortura já não existe mais. Sentia-se triste também ao rememorar que viviam numa pobreza total e da dificuldade da sua irmã Sabina que tinha mobilidade reduzida por conta da deficiência física. Tudo isso marcou a sua vida. Nos diálogos, muitas vezes a tristeza dava lugar ao encantamento demonstrado no sorriso dos lábios, do aconchego de um abraço, das rezas marcadas fortemente pela espiritualidade ancestral existente, vistas por pelas pessoas que procuram a cura através daquela anciã no seu casebre de pau a pique.

Alguns questionamentos são de suma importância para orientar a seguinte pesquisa. Logo, para melhor compreender a reza por meio de quem a vive é necessário que investigue e conheça quem é a detentora desse saber popular e como se deu o despertar para o ofício assim como compreender a importância dos objetos, gestos e palavras de reza no desempenho do ritual.

A presença de rezadeiras e benzedadeiras em Santo Antônio de Jesus, ainda que em pequenas proporções, possui notável respeitabilidade entre diversos segmentos da população, sobretudo em virtude da forma peculiar que têm de lidar com a doença

e o corpo (individual e coletivo). Portanto, optou-se por falar mais sobre a rezadeira, a trajetória de vida e o local onde a protagonista deste trabalho está inserida.

É um ambiente de fé e de luz a casa de uma rezadeira. Quem já procurou alguma para se benzer sabe do calor humano que se pode sentir ao estar diante de uma das figuras mais mágicas e singulares da cultura popular brasileira. O olhar, o acolhimento, as vibrações positivas e o sentimento de proteção são coisas que enchem nossa alma de felicidade. Numa casa simples, na esquina ali na frente, numa casa no morro ou na baixada, em uma cidadezinha de interior, em uma estrada na roça, em um lugar singular é sempre possível encontrar alguém com o dom da reza e da cura. São rezadeiras, tidas, por vezes, como benzedadeiras, pessoas que dedicam grande parte do seu tempo simplesmente para ajudar os outros. A rezadeira tem como missão (sentida muitas vezes como dom) aliviar as dores, mal, enfermidades e doenças do corpo de quem a procura, buscando assim, no poder das suas orações, das folhas, do força terapêutica dos chás, beberagens, defumadores pedindo ajuda aos santos, guias, caboclos e orixás para que seja curada as enfermidades de quem a procura.

Sujeitos do seu próprio saber e conscientes do seu ofício, essas mulheres que rezam as pessoas vêm defendendo a sua prática, o que pode ser percebido através de suas falas, assim como a sua própria valorização social enquanto indivíduo que dá continuidade de transmissão do seu saber ao longo do tempo, já que é um ofício reconhecido como patrimônio da cultura imaterial¹, propenso a cair no esquecimento devido à grande propagação da medicina científica, à descrença e ao preconceito das gerações mais novas e das pessoas menos esclarecidas no processo das rezas.

Por seu enraizamento na vida da comunidade e reconhecimento da população da cidade onde vive, enquanto elemento formador de cultura, a pesquisa sobre as rezas de Tia Quinha pretende contribuir para o enriquecimento do saber da comunidade Rio da Dona (zona rural) a que pertence o sujeito central desta pesquisa.

Alguns autores contribuíram para o estudo sobre o tema em questão, no contexto de Santo Antônio de Jesus, como as duas dissertações de mestrado: *Nas Encruzilhadas da cura: Crenças, saberes e diferentes práticas curativas* (2005), da autoria de Denilson Lessa, e *A lei deles é uma, a do povo é outra: experiências e*

¹ Importante discussão sobre a “patrimonialização” do IPHAN no contexto das práticas das rezadeiras pode ser encontrado em Francimário Vito dos Santos (2009).

impasses com o catolicismo vivido por rezadeiras em Santo Antônio de Jesus (2012), de Manuela Nascimento. Contudo, não houve um estudo específico acerca das rezadeiras da comunidade do Rio da Dona.

Este trabalho sobre Tia Quinha pretende ser uma contribuição para a história de vida de uma rezadeira reconhecida na sua comunidade. Rezadeira desde os sete anos, Tia Quinha herdou de sua mãe este ofício. Fruto de suas ideias e de um conhecimento que nasceu com sua experiência de vida e sua sabedoria, fidelidade, segurança, seriedade e seu compromisso com suas rezas, ofício que carrega consigo há mais de 100 anos, dia a dia mantido pela linguagem que estrutura sua vivência e ajuda a determinar sua maneira de ver as coisas e de receber e transmitir o saber, cuidando de pessoas que vêm de longe em busca de atendimento.

Tia Quinha, na condição de rezadeira, é dona de uma generosidade infinita e se diz feliz e realizada no seu ofício que para ela “é uma missão dada por Deus e que ajudou a muitos ao longo desses anos todos”. Vigorosa, gentil, delicada, um sorriso solto, alto e largo continua até hoje aos 109 anos rezando e benzendo a todos que lhe procura pois é considerada uma das mais importantes rezadeiras do lugar.

Rezadeira e benzedeira são palavras que podem aparecer como sinônimas como já mencionado, contudo Tia Quinha estabeleceu uma diferença, quando disse que ela “reza e cura quem tem fé na cura, porém quem tem o dom de benzer é Deus, só Deus benze e guarda seus filhos, mesmo os que não creem Nele.”

A origem de muitas rezas pode ser puramente religiosa ou fruto de um hibridismo de religiões, ou mesmo de um misto entre conhecimento popular com práticas religiosas. Em geral, as rezadeiras se dizem católicas, mas muitas recebem influência de crenças espíritas, como as das religiões de matrizes africanas e das práticas de cura afro-ameríndia. Todas as rezadeiras se dizem intermediárias entre Deus e o homem. Para elas, o dom da cura é dado por Deus. Na maioria das vezes, as orações utilizadas são o **Credo (creio em Deus pai)**, o **Pai Nosso** e a **Ave-Maria**. Porém o tempo não espera por ninguém e, com o passar do tempo, as rezadeiras têm sido menos procuradas, além de já não se encontrar muitas em atividade.

Portanto, busca-se privilegiar as análises das mudanças que se processaram no decorrer de sua existência, como forma de enriquecimento no saber da população, enquanto elemento formador de cultura, utilizando como fonte primordial as narrativas daqueles que se envolveram e convivem com as rezas e que, através de suas

experiências e vivências, poderão proporcionar elementos necessários para o entendimento do tema em questão.

O presente trabalho tem como objetivo central documentar e registrar as práticas do ofício das rezadeiras na cidade de Santo Antonio de Jesus, tendo como foco o processo de pesquisa sobre as rezas de Tia Quinha e sua ancestralidade como fonte de enriquecimento no saber da população, enquanto elemento formador de cultura. Para isso buscamos investigar as respectivas concepções sobre cultura, tradição, memória e ancestralidade, bem como uma reflexão através do posicionamento de Tia Quinha e o que acredita ser o papel das rezadeiras. Partindo desta reflexão, objetiva também compreender a contribuição da prática para o enriquecimento do conhecimento do ofício das rezadeiras a partir dos elementos estudados, dotados de sentidos para a comunidade e adeptos dessa tradição.

O estudo é baseado em pesquisa qualitativa que é uma maneira de estudar os fenômenos e os entrelaces das relações sociais que estão estabelecidas em vários ambientes. Nessa abordagem o pesquisador vai em busca de entender o fenômeno estudado a partir das percepções das pessoas nele envolvidas e tornar cada ponto relevante tendo como proposta menos rigidez e mais criatividade. GODOY(1995)

De acordo com GODOY(1995), o propósito fundamental do estudo do caso é analisar intensivamente uma dada unidade social. Adotando um posicionamento exploratório e descritivo, aberto a novas descobertas mesmo que esse começo seja na teoria, acreditando que para o trabalho a múltiplos caminhos para compreender uma realidade complexa, a pesquisa tem uma variação de dados coleta sucedendo técnicas fundamentais para pesquisa, a observação e as entrevistas, visando uma preocupação na narrativa, em ilustrações com citações e exemplos.

Dessa forma é de fundamental importância, para quem quer priorizar a experiência humana, o uso da documentação, sendo a coleta de dados, sob a forma de depoimentos orais o principal procedimento desta pesquisa, já que seu principal objetivo é apresentar aspectos sobre a ancestralidade, as crenças, saberes, e concepções de doenças e práticas de cura realizada pela rezadeira do Recôncavo em questão.

Por isso a coleta de relatos reportou-se à sua vivência passada e presente, pois o sujeito central da pesquisa é Tia Quinha, criando assim, através dela e do seu ofício, uma contextualização das várias práticas utilizadas pelas rezadeiras e benzedadeiras .

E por fim, o método etnográfico consentirá conhecer, compreender e refletir e ao mesmo tempo emergir no tema estudado tornando o estranho familiar e o familiar em estranho, como faz a alusão Roberto Da Mata (1978) em “O ofício do etnólogo”, buscando assim essa descendência afroancestral de Tia Quinha.

Assim esperamos que esse estudo possa contribuir com esse dinamismo da rotina das rezas, compartilhando conhecimento e experiências com o próximo, viabilizando melhorias acerca das discussões sobre questões da ancestralidade, tradição, cultura e memória dentro do contexto do município de Santo Antonio de Jesus. As discussões empreendidas no percurso do trabalho se estruturam em dois capítulos e teve como ponto de partida a pesquisa bibliográfica e a coleta de dados advieram através de histórias de vidas e entrevistas.

No primeiro capítulo há um intuito de descrever sobre o ofício das rezadeiras como patrimônio cultural imaterial, as práticas utilizadas pelas mesmas os objetos utilizados no ato da reza, as folhas e as ervas, utilizando relatos de vida, o poder da palavra como instrumento da tradição e ancestralidade. Desta forma nos baseamos nos seguintes autores como fonte de inspiração teórica: FALCÃO (2005), PORTELLI (1995), LANG(1996), THOMPSON (2002), MEIHY(2007), OLIVEIRA(1985).

Por fim o segundo capítulo se debruça nas pesquisas com os depoimentos de Tia Quinha e os consulentes, visando a compreensão dos mesmos sobre o tema. Uma pesquisa pelos próprios sujeitos de sua vida e crença, como interlocutores de seus próprios processos. Apesar do pacto biográfico selado pelo autor, como relata Lacerda (2003), que consolida num acordo tático de cumplicidade entre quem escreve e quem lê (escuta), a medida que o texto avança e que se partilham experiências do mundo privado, íntimo e colaboradora. Assim sendo, há previamente uma seleção dos ditos e não ditos. Silêncios e lacunas são esperados e entendidos nesse ato de narrar.

*"Deus sempre está comigo e só levanto da cama
quando me entrego a deus nas orações,
Às seis horas e na hora de deitar, é deus quem me
cobre, me sustenta até agora aos 109 anos."
(Tia Quinha)*

2- MULHER CENTENÁRIA

Aqui então me enquadro no desejo de partilhar essa experiência, pois nasci numa família negra, pobre, onde minha mãe lutava para alimentar seus onze filhos. A comida era um tanto escassa e quando perguntávamos o que íamos comer ela respondia *"Como dizia minha vó Pulu (apelido carinhoso), as graças de Deus com tomate"*. Apolinária era como um ídolo para minha mãe, que relatava a sua história, os exemplos, o seu grande legado, rezas benzeduras, curas, a história de Dindinho Lucas e Dindinho Antonio, a mistura das raças e a descendência negra. Minha curiosidade sempre foi muito grande por essa história, que minha mãe contava com tanta emoção.

Lembro de ir com meus irmãos em uma Instituição (estrangeira), que doava açúcar, leite, aveia, arroz e eu vinha feliz, porque além das graças de Deus com tomate, tinha outros alimentos para colocar junto. Nossa história era um alongamento dos nossos ancestrais e então começou minha busca pela história dessa mulher centenária, fantástica, chegando em Tia Quinha, que era sua filha caçula e herdeira dos seus legados, consolidando e estreitando os nossos laços de amor e também de parentesco.

2.1- Segredos, Vivência, Sabedoria

Ao abordar o tema história de vida de uma rezadeira ou benzedeira, traz-se fundamentos teórico-metodológicos relativos ao campo da pesquisa para o qual convergem a documentação, a história oral, e o patrimônio cultural imaterial, a fim de compreender o ofício da rezadeira em Santo Antônio de Jesus, sob a perspectiva do conhecimento das práticas a partir deste diálogo. Introduzem-se assim, conceitos pertinentes às humanidades e ciências sociais. Hoje profundamente interessado na história oral e nos saberes e fazeres dos nossos mestres, os historiadores passam a ter novas tarefas, não somente atentos à produção material; formulam e

reformulam seus próprios conceitos, buscando dessa forma, uma interação entre os atores da cultura, sujeitos das pesquisas, o que gera documentação, que são registros da memória.

Em nossa empreitada, os depoimentos orais foram fontes para a descoberta da história de vida da rezadeira, cujas rezas, orações, benzeções envolvem o universo das práticas de cura, fazendo parte de uma tradição oral, pela qual se aprende a encontrar soluções para as mais variadas formas de doença. A fala apresenta-se como o princípio criador, um agente vivo da “magia”, por onde se transmite todo conhecimento sagrado herdado dos ancestrais. (HAMPATÉ BÂ,1982). Mantendo-se na escuta, observando gestos e falas, os rezadores aprenderam com seus mestres a fazer orações ou receitar um chá de uma erva a fim de aliviar as moléstias que afligem corpo e espírito de quem recorre a esses serviços. (SANTOS,2005)

De acordo com diversos autores (PORTELLI, 1995; THOMPSON, 2002; MEIHY, 2000; LANG, 1996), a tradição oral, fundamento essencial para a existência de ritos e tradições de povos que não têm na cultura escrita seu veículo principal de herança cultural, é o meio pelo qual a sabedoria ancestral é transmitida de geração a geração. A fala é o principal meio de transmissão da tradição e talvez, por conta disso, seja difícil defini-la e apreender todos os seus aspectos, já que, diferente de um documento escrito, a tradição oral pode ser interrompida, corrigida, recomeçada e até mesmo não revelada. Diferente da fonte oral, que são relatos narrados sobre a trajetória de vida dos sujeitos, a tradição oral está ligada ao ritual a transmissão de saberes que são utilizados das mais diversas formas nas sociedades. (PORTELLI,1997)

No primeiro momento desta pesquisa busca-se informações, a partir das referências bibliográficas, uma vez que se procedeu a um levantamento inicial de alguns autores que trabalham a temática escolhida, a exemplo de Andréa Falcão (2005), para quem:

Patrimônio cultural imaterial (ou patrimônio cultural intangível) é uma concepção de patrimônio cultural que abrange as expressões culturais e as tradições que um grupo de indivíduos preserva em respeito da sua ancestralidade, para as gerações futuras. São exemplos de patrimônio imaterial: os saberes, os modos de fazer, as formas de expressão, celebrações, as festas e danças populares, lendas, músicas, costumes e outras tradições. (FALCÃO, 2005, p.14)

Além da pesquisa feita nos bairros, roças, ruas sobre as poucas rezadeiras existentes nesta cidade, a conversa com pessoas interessadas sobre o tema, que se tornam testemunhas do vigor desta prática, pois ainda é comum encontrar na genealogia de algumas famílias uma pessoa que reze. Geralmente, a oração foi ensinada pelos pais ou avós, mantendo assim a conhecida prática da transmissão oral de conhecimentos populares. No entanto, é importante descrever que na pesquisa feita sobre rezadeiras o foco central é Tia Quinha, criando assim através dela, e do seu ofício uma contextualização das várias práticas utilizadas pelas rezadeiras e benzedadeiras em seu ofício

Segundo a Resolução nº 001, de 03 de agosto 2006 do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas e nos lugares, tais como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas. Essa definição está em consonância com a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, adotada pela Unesco em 2003 e ratificada no Brasil pelo Decreto nº 5.753, em 2006, define como patrimônio imaterial “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural”. Enraizado no cotidiano das comunidades e vinculado ao seu território e às suas condições materiais de existência, o patrimônio imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado e apropriado por indivíduos e grupos sociais como importantes elementos de sua identidade.² (BRAYNER, 2012)

As rezadeiras são Patrimônio Cultural Imaterial, e transmitem seus saberes de geração para geração, carregam consigo a tradição ancestral. Por isso a coleta de experiência, tem uma grande importância para o desenvolvimento deste trabalho pois esses relatos reportaram-se à vivência passada e presente de Tia Quinha, pois sendo

² Livro IPHAN-Decreto nº 3551, de 04 de agosto 2000 e Resolução nº 001, de 03 de agosto de 2006

o sujeito central da pesquisa é uma pessoa respeitada e tem credibilidade na sua comunidade, através das suas rezas feitas ao longo de seus 108 anos e com resultados positivos de curas. Ao ser ouvida, as palavras de Tia Quinha ficam registradas em cada pessoa que lhe procura. É sua própria visão de mundo, a qual sua experiência de vida lhe deu condições para desenvolver: o dom da palavra, contando sua vida, e fazendo suas rezas.

Segundo LANG (1996):

[...] a história oral de vida é o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo. Os acontecimentos vivenciados são relatados, experiências e valores transmitidos, a par dos fatos da vida pessoal. Através da narrativa de uma história de vida, se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, da sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar. (LANG, 1996, p.34)

Ao ser ouvida, as palavras de Tia Quinha ficam registradas em cada pessoa que lhe procura. É sua própria visão de mundo, a qual sua experiência de vida lhe deu condições para desenvolver: o dom da palavra, contando sua vida, e fazendo suas rezas. É preciso considerar que, o relato de uma vida, de parte de uma vida, ou mesmo o depoimento sobre um fato, não significam tão somente a perspectiva do indivíduo, pois esta é informada pelo grupo desde os primórdios do processo de socialização. A versão do indivíduo tem, portanto, um conteúdo marcado pelo coletivo ao lado certamente de aspectos decorrentes de peculiaridades individuais. (LANG, 1996,)

Conforme a Constituição Federal de 1988, art. 216, cultura são todas as ações por meio das quais os povos expressam suas "formas de criar, fazer e viver". A cultura engloba tanto a linguagem com que as pessoas se comunicam, contam suas histórias, fazem seus poemas, quanto a forma como constroem suas casas, preparam seus alimentos, rezam, fazem festas. Enfim, suas crenças, suas visões de mundo, seus saberes e fazeres. Trata-se, portanto, de um processo dinâmico de transmissão, de geração a geração, de práticas, sentidos e valores, que se criam e recriam no presente, na busca de soluções para os pequenos e grandes problemas que cada sociedade ou indivíduo enfrentam ao longo da existência (BRAYNER, 2012, p. 7). Sendo assim, os estudos sobre a cultura imaterial permitem uma maior compreensão do comportamento da identidade de determinada comunidade.

Entender as práticas culturais, curativas e religiosas desenvolvidas por rezadeiras e benzedeiras no Recôncavo Sul Baiano, mais especificamente em Santo Antônio de Jesus, requer atenção à trama de elementos, como crenças, valores e tradições formulados no contato entre as culturas africanas, indígenas e europeias postas em contato nessa região desde o Brasil Colônia. Mesmo mantendo a tradição com os entrelaces das religiões e da herança ancestral africana e ameríndia, com influência forte dos santos católicos, as rezadeiras têm resistido ao longo da nossa história, pois trazem em sua função social a importante tarefa de manter viva essa cultura.

Existem rezadeiras e benzedeiras espalhadas por todo o país, nas grandes cidades e no interior, nas áreas urbanas e rurais. [...]. Geralmente essas benzedeiras utilizam apenas um conhecimento empírico sobre as ervas medicinais e a capacidade de usar sua intuição e força interior, sem qualquer compromisso com um rito religioso específico. Embora, possa haver rituais de origem africana e ameríndia, o que predomina na benzedura é o apelo aos santos católicos a que a tradição popular atribui poderes de cura. (GASPAR, 2004, p.127.)

Mesmo com as dificuldades enfrentadas pelas rezadeiras, em manter a tradição, as mesmas resistem em seus lugares, desenvolvendo seu ofício, suas benzeções, suas rezas, suas curas, utilizando suas ervas, abençoando e sendo abençoada, com a crença compartilhada de quem as procuram em busca de resolução para suas mazelas.

Conforme Elda Rizzo de Oliveira (1985):

O processo de produção e de reprodução do saber da benzeção é o mesmo que mantém vivas e sólidas as formas e questões substantivas pelas quais as benzedeiras resistem à opressão feita pela classe dominante. E como cria alternativas para a experiência religiosa e médica, ainda que muitas vezes as exprima sobre formas conformistas, resignadas e fatais. (OLIVEIRA, 1985, p.45)

As rezadeiras e benzedeiras, em alguns lugares, são as únicas alternativas para atender os doentes da comunidade, onde não há atendimento médico. Anterior à popularização das ciências médicas, as camadas populares eram responsáveis em zelar pela integridade física, individual e coletiva, principalmente, a partir do vasto receituário medicinal oferecido pela natureza, a saber, das ervas. Trata-se de um legado cultural deixado pelos africanos e os indígenas, presente no cotidiano, como por exemplo, o apego e a crença na eficácia das ervas, conhecimentos curativos

provenientes de seus ancestrais, já que confiavam na eficiência dos tratamentos iniciados pelos anciãos, que contribuem para preservação de importantes conhecimentos, também muito presente entre as populações indígenas, o que foi de grande importância para a formação desse processo de desenvolvimento de métodos curativos alternativos. Porém, pelo papel que desempenham junto à comunidade, vê-se que as rezadeiras correm o risco de perder o seu referencial cultural, oprimidas, especialmente pela realidade moderna.

Assim, acredita-se que essas mulheres trazem em sua função social a importante tarefa de resguardar a cultura, uma vez que refazem as lembranças que compõem a memória coletiva de determinada sociedade. Quando se observam as práticas curativas realizadas por rezadeiras e benzedadeiras, percebe-se que um conjunto de elementos culturais de diferentes raízes encontraram maneiras de permanecer e fazer parte do conjunto de saberes produzidos pelos indivíduos. Essas práticas de cura encontraram nas roças e matas, a ligação com as forças religiosas e elementos da natureza capazes de realizar curas físicas e espirituais em locais onde a medicina acadêmica não era a mais acessível e nem a mais válida. Esses conhecimentos ajudaram a salvar vidas, quando o único recurso que se tinha era o poder das plantas, aliadas às orações e à fé dos mais velhos, disseminados na zona rural, carregando saberes e formas de viver, curar e crer ao longo da vida.

O contexto social de relações e construção de sentidos são fundamentais para compreensão das mudanças e permanências realizadas pelos sujeitos nos diferentes contextos históricos. Partindo do princípio de que os indivíduos leem e interpretam práticas sociais e culturais a partir dos instrumentos que possuem, dos lugares por onde viveram, as rezadeiras cumprem o seu papel, tanto a partir da transmissão dos conhecimentos das plantas e dos versos e orações de geração para geração, bem como a partir da ação junto à comunidade, pois também reafirmam a permanência das tradições e crenças na sua comunidade, o que influencia diretamente no comportamento dessa comunidade, bem como pode colaborar para a tomada da consciência da sua identidade cultural.

Portanto afirmamos que:

Tradição é a transmissão de costumes, comportamentos, memórias, rumores, crenças, lendas, para pessoas de uma comunidade, sendo que os elementos transmitidos passam a fazer parte da cultura. (SILVA; SILVA, 2006, p.1)

Para que algo se estabeleça como tradição, é necessário bastante tempo, para que o hábito seja criado. Diferentes culturas e mesmo diferentes famílias possuem tradições distintas. Algumas celebrações e festas religiosas ou não, fazem parte da tradição de uma sociedade. Muitas vezes certos indivíduos seguem uma determinada tradição sem sequer pensarem no verdadeiro significado da tradição em questão. Desta forma concluímos que:

Tradição é o conjunto de bens culturais que se transmite de geração em geração no seio de uma comunidade, Trata-se de valores, costumes e manifestações que são conservadas pelo fato de serem consideradas valores aos olhos da sociedade e que se pretende incluir às novas gerações. (SILVA; SILVA 2006, p.1)

A tradição, por conseguinte, é algo que se herda e que faz parte da identidade cultural e social. A arte, a música, dança, provérbios, gastronomia, caracterizada de um grupo social faz parte do que é tradicional. Tudo que faz parte da sabedoria popular é tradição. A tradição só se torna tradicionais porque mudam. Incorporam elementos e significados diversos, dos diferentes tempos que são ritualizados, mesmo sendo associada ao conservadorismo, pois implica manter ao longo do tempo determinado valores.

Observa-se então que a preservação da memória não está apenas nos ritos e orações, mas também no espaço físico, no lugar onde as rezadeiras vivem. Pois, o espaço vivido é também um campo de representações simbólicas, e Tia Quinha consegue marcar a sua origem e seu lugar, formando vínculos difíceis de separar no seu processo de transmissão de conhecimento, quando dialoga com suas lembranças, seu carinho, suas rezas e benzeduras a todos que lhe procura. Tudo acontece no mesmo lugar onde nasceu, vivendo em sua casa humilde, junto à criação de galinhas e plantas medicinais, onde se produzem as folhas que são elementos da cura através de ritos e rezas em sua roça, lugar onde as suas ações são vivenciadas e repetidas por longos anos.

*"Ninguém me ensinou a rezar e
Jesus Cristo colocou tudo em minha cabeça e aprendi
o ofício com meu destino e observando mamãe".
(Tia Quinha)*

2.2- Tradição e Ancestralidade

O trabalho de pesquisa realizado, possibilita narrar a história de Tia Quinha, rezadeira e trabalhadora rural de Santo Antônio de Jesus, com fontes que evidenciam a importância da oralidade na transmissão de conhecimentos acerca de terapêuticas medicinais. Nesse sentido a história local passa a ser norteadora. Dessa forma, é de fundamental importância, para quem quer priorizar a experiência humana, o uso da documentação, sendo a coleta de dados, sob a forma de depoimentos orais o principal procedimento desta pesquisa, já que seu principal objetivo é apresentar aspectos sobre as crenças saberes e concepções de doenças e práticas de cura utilizadas pela rezadeira do Recôncavo em questão.

Um trabalho desta natureza, além de aprofundar e amadurecer a prática da atividade científica, vem retomar parte importante da memória e de tradições da cultura popular do Recôncavo, em particular do Rio da Dona, zona rural de Santo Antônio de Jesus.

A personagem principal deste trabalho, é uma anciã de 109 anos, nascida em 13 de maio de 1910, no dia do Espírito Santo, como se orgulha de salientar, pois aí se encontra a origem de seu nome "Maria do Espírito Santo". Nos dias de hoje, comemora seu aniversário apenas no dia do Espírito Santo, (dia de pentecostes, ou seja, a ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo ao céu e a descida do Espírito Santo sobre a comunidade católica), não se importando em que dia de maio o calendário litúrgico faça cair esse data. Imagina-se, com toda a propriedade que a pessoa que consegue memorizar tantos bens de cultura, leva consigo toda uma herança patrimonial imaterial ou de bens simbólicos, sujeitos a transformações, continuidade e descontinuidade. Ela é guardiã da memória e da tradição, ao relembrar o passado, interligando-o ao presente e no respeito à tradição dos conhecimentos aos pósteros, pois ela sabe o que isso significa na formação dos mais novos. Ela é guardiã do tesouro espiritual e das tradições de sua comunidade, pois através dela uma diversidade de conhecimentos chega aos mais novos, corroborando a força de sua experiência e de sua memória. Histórias ouvidas de seus antepassados, que por sua vez, deverão ser ouvidas entre as gerações seguintes.

Apesar da idade avançada, Tia Quinha é detentora de excepcional memória, como só acontece com as pessoas que exercitam a oralidade, sendo ela, por isso mesmo, capaz de rezar todos os dias, vários tipos de enfermidades, proporcionando a cura a todos que a procura. Sua palavra, portanto, parece ser dotada de origem divina, mesma pronunciada em atividades humanas, pois sem dúvida, suas palavras são instrumentos do saber com uma condição vital, que lhe garante o estatuto de manifestação do poder de cura, transmitindo vitalidade. Nesse sentido deve ser lembrado que a palavra é elemento desencadeador de ações ou energias vitais, pois a mesma, ao ser dirigida para atingir determinados fins, interfere na existência pois que, uma vez absorvida, pode provocar reações e estabelecer relações entre as forças vitais, as do agente e as do universo a ser explorado.

O poder de suas palavras quando proferidas em orações de cura, é respeitado por todos que a procura, pois crêem neste poder que brota dela e que é um atributo dos vivos, mais que emana dos antepassados. Os que forem mais fiéis aos antepassados e seus pactos com a terra alcançarão mais prestígio diante da comunidade. “O poder é um exercício calcado na tradição para garantir o bem estar para a sociedade. O poder portanto, é um instrumento da tradição dos ancestrais para perpetuar no ayê³ a ordem do sagrado e a moralidade dos ancestrais (OLIVEIRA, 2006, p.62)”

Percebe-se, em seu olhar, e em seus gestos, um encantamento contagiante como se estivesse disponibilizando para os doentes que lhe procuram o acesso a um tesouro de rara grandeza, do qual somente ela possui a chave. Por tudo isso, as suas práticas refletem a preocupação de manter viva a riqueza das rezas, até mesmo para que as novas gerações possam beber de tão preciosa fonte. Afirma-se então, que a concepção de que os valores oriundos das pessoas mais simples e não portadoras de títulos e diplomas guardam tesouros inestimáveis, mas nem sempre reconhecidos e divulgados, pela comunidade e pessoas que a procura.

A tradição oral, longe de significar apenas um meio de comunicação, reluz uma maneira de preservar a sabedoria da ancestralidade, portanto a palavra transmitida através da oralidade conduz a herança ancestral. Além da valorização da tradição oral, importa salientar o clima de humor e prazer com que Tia Quinha vai contando sua história, fazendo aumentar a cada visita o repertório do material que parece

³ Ayê- Terra como .plano físico onde estão os vivos: <https://ocandomble.com/vocabulario-ketu/>

inesgotável, gerando um clima bastante propício ao trabalho de pesquisa que parte do pressuposto de que cultura é o resultado da multiplicidade de relações, que toda manifestação cultural reflete necessariamente o homem e o seu meio.

Com base em Luís Câmara Cascudo (1983, p.80), tanto um lavrador quanto um diplomata são agentes da cultura e, nesta perspectiva, todos os povos são depositários de bens e valores culturais. Etnologicamente, a cultura pode ser vista como um modo de viver típico como estilo de vida comum, como o ser, o fazer e o agir de determinado grupo humano, desta ou daquela etnia. A pesquisa feita com Tia Quinha traduz o respeito às experiências de vida, à cultura, ao saber e à visão de mundo guiada por valores ancestrais e as significações de tempo, pois “o tempo ancestral é um tempo crivado de identidades, impressas no tecido da existência” (OLIVEIRA, 2006, p. 246). Assim as rezas de Tia Quinha enquadram-se num contexto bastante amplo em que as pessoas simples, não importando a localidade que vivem, manifestam, de forma semelhante à sua maneira de ver e expressar a vida.

Tia Quinha, desde a infância pôde vivenciar no seio da família e perante a comunidade valores cujos ensinamentos gerados pela tradição estão na memória, afim de que não se perca com o tempo. Nasceu no Rio da Dona, zona rural de Santo Antônio de Jesus, onde reside até os dias atuais. Filha de Apolinária e Lucas, ex-escravos, teve três irmãos (Martiniano, José e Dos Anjos) e cinco irmãs (Lalale, Joana, Sabina, Almira e Candinha). Segundo Tia Quinha, seus pais eram trabalhadores rurais e passaram por turbulências:

Meus pais eram trabalhadores da roça, minha mãe era rezadeira e parteira, trabalhava ainda na casa de Didinho, Antônio, José, e meu pai trabalhava nas terras dele por nada. Ele era patrão, senhor, dono das terras... (pensativa meio triste). Naquele tempo, que eles se achavam dono das filhas das escravas (negrinhas), ele pegou mamãe como dele e teve duas filhas, Mentina e laiá. Como não podia assumir mamãe, então juntou mamãe com papai e deu esse pedacinho de terra que vivo até hoje. Mamãe com papai teve eu e meus irmãos e Didinho casou com laiá Isabé, que teve esses montes de fio branco e feio... uns branco azedo. Então Mentina e laiá é irmã de nós negão e irmã dos branca azeda (risada alta) ...é uma mistura Dissum[Assunção], família grande. Papai era rígido, brabo, mais mamãe era mais amena, resguardava a gente das porradas de papai que chegava cansado da lida. (ESPIRITO SANTO. Entrevista/ julho de 2014.)⁴

Através deste depoimento, nota-se a relação familiar e até mesmo a confiança em Tia Quinha de falar da mesma. Então, pode-se inferir que ofício foi passado de

⁴ Entrevista realizada na Zona Rural denominada Rio da Dona/julho 2014

mãe a filha e que Tia Quinha é uma mulher que foi além do seu tempo. Ela teve três noivos, porém eram ciumentos e ela gostava de sorrir, de brincar, de dançar... trabalhava de sol a sol e quando seus pais a liberavam, os namorados queriam mandar e ela não gostava de ser mandada... já bastava o dia a dia. Assim conta:

Fui noiva de Arlindo num sabe, Deus me deu um pensamento e eu via tanta coisa errada...pedia a ele que me amparasse e me desse um toco (namorado) que tomasse conta de mim. Também fui noiva de Joaquim e eu gostava dele viu fia, ele era irmão de Comadre Maria José, mais a diferença de idade era muita...ele foi embora deixando os documentos, não voltou mais até os dias de hoje, porque dizia que só casava comigo. Eu nunca tive natureza de ficar embaixo, esperando coisa de homem e eu boto tudo na cabeça e me espelhava em mamãe, e ela me dizia que mulher mais velha não casava com homem mais novo...não dava certo (parada pensativa) ...Deus me fez e me deixou assim e eu estou satisfeita. Não, não constitui família por um casamento, porque Deus não quis e eu não sou mulher de esperar por homem nenhum. Deixar de rezar não podia, mais isso não impedia de eu fazer nada, pois sempre veio gente de todo lugar... Valença, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, em busca de minhas orações, rezas. Mais já criei três afilhados que já saiu da minha beira casado e o meu sobrinho, neto de minha irmã Joana, que veio pra morar comigo com 7 anos e já tem 55, aqui comigo e já me deu dois neto Zé e Manuta. Hoje continuo tomando conta dele e ele de mim. (ESPÍRITO SANTO. Entrevista/julho de 2014)⁵

Neste trecho, ela manifesta a independência de algumas mulheres, ao tempo que afirma que não foi por causa de seu ofício que não contraiu casamento. Contudo, a sua visão de família não se restringe a família nuclear tradicionalmente imposta pela sociedade patriarcal, pois considera filhos, diversos de seus descendentes (sobrinhos, afilhados). Outro ponto percebido na fala da rezadeira, era a rapidez com que as pessoas entram em contato com ela, tal contato só é possível por meio de relações estabelecidas entre familiares e pessoas mais próximas, além dos consulentes que vem de todo lugar.

Tia Quinha acredita na ancestralidade, mesmo não sabendo sua definição, o tema está impregnado em suas palavras e ações, na idéia de herança oriunda dos mais antigos, dos seus antepassados, em sua maneira de falar sobre a sua própria vida. O que ela é e suas tradições familiares e sociais, que é de existência real ou mítica com fundamentos variados e enraizados. Toda sua fala converge para a idéia do antepassado, da ancestralidade e da sabedoria dos mais velhos, que ela conta com maestria ter herdado tudo: da vida a crença, da fonte a religiosidade, da mãe as rezas, do pai a coragem para o trabalho e da vida a força e a vitalidade para continuar

⁵ Entrevista realizada na Zona Rural denominada Rio da Dona/julho 2014

a trabalhar, a benzer sorrindo, pois para ela o que só pesa é a idade, mais só Deus é o dono do tempo.⁶

Segundo afirmação de Eduardo Oliveira (2006):

A ancestralidade é a fonte de onde emergem os elementos fundamentais da tradição africana. Ela mesma é um princípio capaz de organizar a vida e as instituições dos africanos e seus descendentes, É a categoria principal da dinâmica civilizatória africana , pois para além das relações de parentesco consangüínea, a ancestralidade tornou-se o princípio organizador das práticas sociais e rituais dos afrodescendentes no Brasil. É a partir dela que se entende a lógica capaz de organizar os elementos estruturantes dessa cultura, pois tanto a força vital, o universo, a palavra, o tempo, a pessoa, os processos de socialização, os ritos funerários, a família, a produção e o poder são estruturadas a partir da ancestralidade. (OLIVEIRA, 2006, p.165)

O povo em geral possui devoções próprias derivadas de tradições herdadas de seus antepassados ou agregados ao culto conforme as necessidades de cada época. Os santos católicos de modo geral são respeitados pelas populações interioranas e consideradas por eles tão dignos de veneração por suas virtudes e caridade quanto os antigos doutores da igreja e os santos de projeção internacional. As rezadeiras tem devoção a muitos santos e apego muito grande ao mundo religioso que venera em sua própria casa, pois mantém o costume de ter uma vida intercedida por santos protetores em função de alguma promessa ou devoção ou talvez por uma graça alcançada. Os santos equivalem a personificação das forças sagradas entre seres humanos através de suas concepções religiosas. Dessa forma busca nos santos uma intervenção na vida através das graças e curas, sobretudo na doença, além de saber dominar as palavras sagradas e para isso é preciso ter bastante fé.

Tia Quinha reza de vários males e diz que para ser rezadeira tem que ter fé em Deus e na reza. De acordo com ela: “Deus toma conta e dá o poder para a pessoa fazer as orações e cuidar de outras pessoas aliviando o sofrimento.” Afirma que, “onde tem a rezadeira, tem a benzedeira, pois quem é rezadeira se benze e vai benzendo oferecendo a sua vida e a vida do doente a Nosso Senhor Jesus Cristo, pois na verdade quem benze é Deus”. Desta forma, ela busca sua cura quando se reza através de sua sombra sentada no terreiro, faz todos os preceitos em sua sombra,

⁶ Um ditado popular proferido por Tia Quinha

pedindo a cura e a benção de Deus conseguindo assim se curar do mal que por ventura lhe aflige.

A vida cotidiana de Tia Quinha é permeada pela religiosidade. Toda a sua atividade é desenvolvida em nome de Deus, Jesus Cristo e Maria Santíssima, a Virgem da Conceição, esses seres sagrados, religiosos que compõem a sua rotina diária. Em sua casa, na sala, há a presença de um nicho e um altar, onde estão colocados vários santos católicos, terços, velas e incensos. Os altares e nichos particulares apresentam riqueza cultural singular das rezadeiras, podendo servir de investigação no que concerne às imagens que são representações materiais, carregadas de símbolos, de rica iconografia.

Essas representações repercutem na vida dos sujeitos, evidenciando assim, o imbricamento religioso e cultural dessa comunidade. Porém o valor do sagrado não deve ser interpretado apenas no universo dos mitos, não desmerecendo este tipo de linguagem, muito pelo contrário, mais o processo de sacralização é também uma maneira de inscrever ancestralidade, na medida em que é escrita da memória social. Sua devoção direta é com Nossa Senhora, considerando que compreende haver uma relação de reciprocidade entre ela e a santa, meio que encontra para equilibrar as forças de proteção e devoção.

Apesar dos santos católicos, há a mistura também com detalhes africanos como o uso do fumo, das cabaças, dos potes de barro, as guias, elementos que demonstram uma interação religiosa entre o catolicismo e o candomblé. É comum para as rezadeiras a junção dos santos católicos com divindades do candomblé, onde vivenciamos esta mistura cultural tão peculiar, tão comum no nosso povo mestiço, quando oferecemos as pipocas a São Roque (Obaluaiê)⁷, caruru a São Cosme São Damião (Ibejis)⁸ ou Santa Barbara (Iansã)⁹, rituais da religião de matriz africana. A devoção dos santos, regada pela ideia do sagrado e dos pedidos realizados como fonte de solução dos problemas espirituais e materiais.

Nota-se Tia Quinha nas suas rezas, utilizar rituais herdados dos negros, como a cumbuca (cabaça), que fica as misturas que ela reza, o uso da cachaça, do fumo, cinzas(saquinhos no pescoço - patuás), a natureza, folhas, águas, herdados dos

⁷ Obaluaiê- Orixá das doenças e da cura.

⁸ Ibejis- é o Orixá-Criança, em realidade, duas divindades gémeas infantis, ligadas a todos os orixás e seres humanos

⁹ Iansã- É a senhora dos ventos, das tempestades. Como Orixá ativa, poderosa, guerreira

índios como folhas, águas, as medidas por cordão e o chamamento pelos caboclos (índios-encantados), e pelos portugueses como os santos católicos que ela utiliza.

Interessante essa junção de rezar utilizando os santos católicos e usar para cura os ritos utilizado pelos caboclos, pretos velhos e orixás. Nota-se claramente essa junção, em um dos preceitos utilizado por ela na semana santa, quando na sexta feira da paixão, ela fica em pé ao meio dia no terreiro de sua casa, para que o sol passe por sua sombra, para encerrar os afazeres da semana santa e então retornar para suas rezas.

O uso do cachimbo todos os dias (fuma desde 11 anos de idade) e a média de cachaça e fumo para *rezar do ar de vento caído*, dedicamos aos pretos velhos (chamados mestres do cachimbo e liderava cerimônias de feitiços e calundus nos quilombos) e é um ritual utilizado por Tia Quinha. As folhas que reza e que utiliza para curar, os banhos e chás de folhas que pertence a Ossain¹⁰ orixá das folhas sagradas O uso das águas da fonte, os jasmims do brejo, os perfumes, incensos e ervas utilizado pelos caboclos (denominação para os índios brasileiros), são reverenciados como os donos da terra- fato que nos leva a admitir que essas são as mais antigas manifestações de religiosidade afro-brasileira, resultado do encontro e da aceitação (que não foi uma aceitação simples) de crenças ameríndias do tronco tupi e africanas de matriz banto com o cristianismo, Tia Quinha utiliza como mestra, como fonte de sabedoria viva, como conhecedora dos caminhos que galga todos os dias de sua longa vida no limiar da cura através de suas rezas.

A presença de rezadeiras no universo agrário contribui para pensar nas possíveis formas de inserção no mundo da benzeção, pois se sabe que as práticas de cura, de modo geral, propagavam-se devido a vínculos com o mundo natural, o conhecimento das ervas e raízes, bem como a necessidade das camadas populares em gerir seus espaços de existência a partir das relações de solidariedade em comunidade. Essas mulheres abrangem um repertório material e simbólico muito significativo, para executar esta prática com objetivo de restabelecer o equilíbrio material, físico e espiritual das pessoas que buscam sua ajuda.

As rezadeiras, enquanto importantes personagens da cultura popular, servem de referência para o estudo da memória, vez que esta é indissociável da cultura e das instituições sociais. Essa memória é fruto das lembranças que são estimuladas por

¹⁰ Ossain- é o orixa das plantas medicinais e detentor do saber da cura através das folha

situações do presente. Isso significa que as experiências do passado são reconstruídas com imagens e ideias de hoje, determinadas pelas relações entre indivíduo e sociedade (THOMPSON, 1998, p.13).

A experiência de Tia Quinha não está apenas nas suas lembranças, mas as suas marcas e vivências estão também no seu corpo, na sua maneira de olhar, no seu jeito manso de falar, além da expressão, em toda uma linguagem especial, através de seus gestos e sinais e nos constantes agradecimentos a Deus e aos santos protetores. Fala com simplicidade do seu ofício e de quando começou a rezar com calma e presteza, o que lhe foi consagrado pelo exercício cotidiano da reza e pela fé.

Ninguém me ensinou a rezar e Jesus Cristo colocou tudo em minha cabeça e aprendi o ofício com meu destino e observando mamãe. Mas Dissum¹¹, teve um dia que eu estava aqui sozinha, foi o dia que fiquei pra olhar os animais de corda e ficar com Sabina que tinha paralisia nas pernas e sempre os irmãos revezava. Nesse dia fui prender o jegue e ele repuxou a corda, prendeu o meu dedo midim e quebrou. Aí fia, eu peguei um monte de folha e pisei, amarrei nesse dedo e rezei. Quando tava nessa agonia, chega uma mulher com um menino, pra mamãe rezar, mamãe não tava em casa, e o menino estava muito doente, bem mal com má de sete¹². Fiquei com tanta pena que me benzi como mamãe, fui peguei as folhas, a água e alho e rezei o menino. A mulher foi embora, e eu fiquei ressabiada, esperando mamãe chegar de noite pra receber minha bronca e minha surra. Quando mamãe chegou que lhe contei, ela disse que Deus me abençoou, pois tive intenção de curar o menino. No outro dia quando a mulher chegou com o menino melhor, então mamãe me colocou para rezar, pois foi eu que comecei... rezei três vezes e o menino ficou bom. Eu tinha sete anos e nunca mais parei até hoje... mamãe que enxergava longe... mulher sábia, dizia que era missão dada por Deus, mais o meu dedinho ficou torto até hoje... (risadas altas e forte). (ESPÍRITO SANTO. Entrevista.)¹³

O relato feito por Tia Quinha na sua iniciação casual de ser rezadeira, há tons de brincadeiras, demonstrando assim, o que afirma todos os dias, que seu dom de rezar foi dado por Deus, pois ficou registrado com a cura da criança e aclamado pela mãe como inspiração divina, afirmando que ela nasceu para rezar pois era missão dada por Deus. Acreditamos então que, quando ela nos diz: “Quem fica de joelhos para Deus, fica de pé para vencer cada e qualquer batalha, pois minha fia, as forças são de Deus e a luta é nossa não é mesmo?” Confiamos então na sua sabedoria ancestral e missão divina como rezadeira.

O convívio e a observação são básicos para a transmissão de saberes no contexto estudado, sendo comum que o exemplo dos mais velhos sirva à geração

¹¹ Como tia Quinha refere-se a pesquisadora Assunção

¹² Má de sete-Paralisia infantil

¹³ Entrevista realizada na Zona Rural denominada Rio da Dona/agosto 2014

mais nova, que guarda referência da ação ancestral. “A tradição oral é o fundamento essencial para a existência de ritos e tradições de povos que não têm na cultura escrita seu principal meio de transmissão da herança cultural; ela é a grande escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos”. (HAMPATÉ BÂ, 1982)

Rezo do ar do vento, olhado (Figura 1), ezipa, fogo selvagem, sol sereno, ventruosidade, cobreiro, mal de sete [dias], intiríssia, espinhela caída (companhia), dor de dente, dor de coluna, garganta inflamada. Cada reza tem sua forma, seus modos de falar, benzer, dependendo das palavras para sarar. As palavras são minha, e a benzedura (bençãos) de Deus.¹⁴ (Figura 2)

Figura 1 – Tia Quinha rezando criança com mau-olhado.



Foto: Maria Assunção Oliveira(2014)

Figura 2 - Tia Quinha rezando a coluna.

¹⁴ Entrevista realizada na Zona Rural denominada Rio da Dona/agosto 2014



Foto: Maria Assunção Oliveira(2014)

Segundo a rezadeira:

Não rezo ninguém no dia de segunda feira. É um dia forte que não posso dizer porque, é coisa minha e não tem como explicar.

Sabe fia?...(pensativa) Uso para rezar, folha de guiné, vassourinha, quarana pra olhado, óleo virgem (galo) pra interíssia, esipa, cordão prá espinhela caída, cachaça, alho pra ar do vento; sal, castanha de caju pra erisipela, o terço pra rezar criança pagão. Depende da reza e pra que a reza, mais tem coisa que não se pode dizer porque é coisa nossa. O cordão mede do dedo da mão até o cotovelo e a frente da pessoa para a hora que rezar a companhia levantar e depois coloco um emplastro.

Não gosto de rezar criança pagã... não é bom, pois ele é qualquer passarinho...não tem nada de Jesus Cristo na cabeça. É bom ser batizado, pois Jesus Cristo já habita no coração de quem foi batizado. Rezo com o terço pois ele é uma peça benta. As minhas santas palavras atinge o coração limpo de quem vem ser rezado, então Deus abençoa e a pessoa se cura. (ESPÍRITO SANTO. Entrevista.)¹⁵

Apesar de considerar muita responsabilidade rezar criança pagã, Tia Quinha não deixa de fazê-lo, pois ela acredita que uma criança não batizada ainda não tem o

¹⁵ Entrevista realizada na Zona Rural denominada Rio da Dona/setembro2014

dom do Espírito Santo, pois não foi ainda apresentada a Deus no ato do batismo (Figura 3)

Figura 3 – Tia Quinha rezando uma criança pagã.



Foto: Maria Assunção Oliveira(2014)

Tia Quinha expressa assim, as limitações em relação ao dia da semana que trabalha nas curas. As folhas e outros elementos, além dos instrumentos que utiliza, exprime as suas crenças para a eficácia das práticas, entre elas a necessidade do batismo como requisito católico.

*"Quem fica de joelhos para Deus, fica de pé para
vencer cada e qualquer batalha pois a força é de
Deus e a luta nossa".
(Tia Quinha)*

2.3 - Guardiã do Saber

Quando ela se expressa falando sobre as folhas, sentimos que homem e natureza estão indissolivelmente ligados à explicação do mundo e a organização da realidade, não obstante as diferenças de substâncias que transcendem as esferas da espiritualidade e da religiosidade e as relações estabelecidas pela sociedade entre a ancestralidade e os processos sociais que vão se reestruturando no tempo e no espaço sem perda da essência.

Segundo Tia Quinha, existem folhas que vão direto ao corpo da pessoa que vai se rezar que limpam, purificando a pessoa. Outras folhas, supõe-se que afastam o mal, o infortúnio, a doença, a aflição, impedindo que perturbações atinjam a pessoa. Também tem as folhas que conservada junto a pessoa atraem para ela o bem estar, a saúde e a fortuna. Há folhas que devidamente manipuladas, desobstruem por assim dizer, o fluxo da boa sorte e da saúde; elas removem impedimentos que empatam a vida. Desembaraçam, abrem o caminho, dá a cura.

Os especialistas do candomblé explicam a cura com emprego das folhas dizendo que ela pode ser obtida pela força do ritual- ou seja- por obra do poder sagrado mobilizado nos ritos – e também pelo efeito “medicinal” das plantas. Mas em todo e qualquer caso se servem dos parâmetros míticos- litúrgicos para ordenar seus conhecimentos farmacológicos.

Segundo os terapeutas dos terreiros de candomblé, uma folha pode ser medicinal e funcionar como meio de cura independentemente dos ritos. Esta sua potência curativa (puramente química) é a única mobilizada quando se faz com ela um remédio comum. Se usada num tratamento feito no candomblé, ela tem também um valor espiritual. No repertório dos terreiros, por outro lado, certas folhas são descritas como dotados de valor espiritual- e, portanto, de capacidade curativa – ainda que não sejam medicinais (Nilton Ossain-Babalorixá). Recomenda-se ter em casa (no quintal, no jardim), plantas que repelem o mal, plantas que transmitem força.

O alcance da ação direta das folhas sobre o corpo do paciente pode limitar-se a certos órgãos ou ainda ser difuso afetá-lo como um todo (aquelas que limpam o corpo ou purificam a pessoa, exercendo efeito catártico e profilático geral – usado

pelas rezadeiras), supõem-se que afastem o mal, o infortúnio, a doença, a aflição, impedindo que perturbações atinjam a pessoa.

A purificação ou limpeza do corpo podem ser alcançadas com recurso das folhas pelo simples gesto de passar pelo corpo ramos viçosos dos vegetais indicados- operação esta, realizada junto com uma reza, uma prece ou canto apropriado. Distingue-se porém, a folha de cura da que serve tão só para limpeza do corpo (Nilton Ossain-Babalorixá)

O poder da planta, é reconhecível na sua capacidade de evocar e convocar, produzindo efeitos pelas intervenções dos divinos, correspondendo a uma manifestação de cura. Nesse sentido, Tia Quinha faz alusão ao seu dom de rezar e sua vontade de estar sempre num processo de renovação e aprendizagem.

A minha reza, o dom da palavra foi dado por Deus, e no dia que Deus mandar me chamar levo esse dom comigo. Estou sempre pedindo a Deus que melhore o meu dom. Pois comecei a rezar (ofício), muito cedo, movida pelo desespero de salvar um menino, aprendi a rezar muito menina com minha mãe e minha reza é missão de Deus, foi ele que me preparou e me fez participar deste ofício de rezadeira. Desde pequena fui preparada para isso e me dediquei a isso e desde que comecei até hoje, aparece um monte de gente para eu rezar e só é isso que sempre fiz e Deus sempre está comigo e só levanto da cama me entrego a Deus nas orações, as seis horas e na hora de deitar é Deus quem me cobre, me sustenta até agora aos 108 anos. (ESPÍRITO SANTO, Entrevista.)¹⁶

As benzeções certamente não existiriam caso não possuíssem uma manifestação de fé, não importando a qual religião esteja vinculada. A reza é compreendida como um "dom de Deus", e o ofício como "missão de Deus" a quem é atribuída a capacidade de rezadeira de aprender o ofício. As súplicas aos santos, guias e orixás protetores são recorrentes nessas práticas culturais, contribuindo, assim, para que a cura seja alcançada. Nesse sentido, o cotidiano vivenciado pelas rezadeiras e benzedadeiras está associado à presença significativa de signos que expressam sua fé. Terços, figas, imagens de santos, caboclos e orixás, denunciam o apego às entidades religiosas capazes de proteger e restabelecer o equilíbrio necessário à labuta diária. Comumente, cada conquista, contratempo cotidiano ou dádiva pretendida é confidenciado às entidades sobrenaturais responsabilizadas por interceder em prol de seus devotos.

¹⁶ Entrevista realizada na Zona Rural denominada Rio da Dona/setembro 2014

Mesmo com a idade avançada e com a saúde fragilizada é notório a satisfação de Tia Quinha ao atender os consulentes e os mesmos alcançar a cura almejada.

Quando rezo o corpo fica doído e pesado, a idade está demais, fico tonta, cansada, mais quando vejo a pessoa curada, agradeço a Deus e sinto que realmente é minha missão rezar e que tenho realmente o dom divino de Deus, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, pois pelas minhas mãos só não tem a cura, quem vem rezar com o coração fechado, ruim, mal...assim não se cura não. Mas minha fia, quem vem acreditando em Deus, alcança a cura, pois como te disse as palavras, as rezas são minhas, mais a benzedura, as benções é de Deus. Pois é..(sacudindo a perna e o rosto pensativa) eu rezo e Deus benze, eu digo as palavras e Deus cura a todos filhos dele que acredita e vem com fé e o coração limpo. É minha fia, Deus é Pai e não quer que seus filhos sofra não. (ESPÍRITO SANTO, Entrevista.)¹⁷

A rezadeira entende que é uma mediadora da divindade suprema, responsável pela cura, que também depende, sob sua percepção ou concepção da fé e pureza ou ausência de maldade "coração limpo" do enfermo, ou seja, daquele que busca a reza para se ver livre das doenças.

Firmamento de laços duradouros com as entidades, sobretudo em virtude de promessas, devoções hereditárias e revelação da mediunidade, marca a essência das benzeções que revela o grau de intimidade de rezadeiras e benzedadeiras como o equilíbrio das forças que regulamentam a proteção. Associada ao conhecimento empírico das funcionalidades das ervas, a religiosidade praticada por eles possibilita a prevenção de determinadas enfermidades que colocariam em risco a saúde coletiva.

Tia Quinha tem consciência da transitoriedade da vida e acha que são poucas as rezadeiras na região, que foram escolhidas por Deus. Assim, pensa que fará falta, porque não há pessoas que queiram aprender seu ofício.

Agora eu já estou cansada, rezo muito e já estou esperando Deus vim me buscar a qualquer hora... (cabeça balançando pensativa e o cachimbo nos lábios) e eu estou preparada fia, tu acredita? Eu já tô preparada, pra hora que Deus disser: "Quinha minha filha, tua missão acabou e eu vim te buscar." Muita gente vai ficar chorando, pois não tem outra rezadeira aqui perto e ninguém quer aprender o ofício. Mas eu também compreendo, pois só sabe rezar quem tem o dom dado por Deus, e isso não é pra todo mundo, né fia? São poucos escolhidos e que tem perseverança, amor, paciência e dedicação. Pronto! Continuo assim, as pessoas vêm e me pedem: me reza que você vai me curar. Aí vou fazendo isso e dando certo e então hoje estou com 108 anos e só termino quando Deus me mandar chamar. Me sinto bem

¹⁷ Entrevista realizada na Zona Rural denominada Rio da Dona/setembro 2014

fazendo o bem às pessoas, se não me agradecem, quem agradece é Deus pelo bem feito ao seu filho. (ESPÍRITO SANTO. Entrevista.)¹⁸

A reza mais procurada e proferida por Tia Quinha é a de mau-olhado, onde ela tem um jeito muito especial e particular de rezar a pessoa doente, pois quando a pessoa está com mau olhado, ela identifica logo, tanto pela expressão do olhar do doente, pelo bocejar constante, quanto pela leseira e cansaço contínuo do corpo, dentre outros meios.

Na hora da benzeção, Tia Quinha vai ao quintal da casa e colhe em suas plantações medicinas três ramos de vassourinha. Dentro de casa junto ao seu altar se benze e faz suas orações com os ramos suspensos nas mãos, como a pedir permissão para rezar. Senta o consulente numa cadeira ou tamborete, na frente de sua casa. Às vezes utiliza o batente mais alto do passeio de sua porta e começa a proferir as seguintes palavras em orações de cura passando o ramo pelo corpo do doente. Acredita-se que o mau-olhado, pode ser colocado no outro em situação vivenciada pelo sujeito no seu dia a dia, tais como no trabalho, no namoro, no estudo, dentre outras circunstâncias referenciadas na oração.

Deus te fez , Deus te criou, Deus te formou. Deus é o sol, Deus é a lua, Deus é nossa caridade, é quem nos alumia (ilumina).

Olhado com dois te botaram, com três eu tiro, essa quebrança, essa ganância, essa morfina, essa usura, essa admiração do teu carnal

Se for do teu falar, do teu sorrir, do teu trabalhar, do teu comer, do teu andar, do teu dirigir, do teu estudar, do teu engordar eu retiro

De bonito ou de feio, de gordo ou de magro, de homem ou de mulher, de casado ou de solteiro, pequenos e grandes, de parente ou de derente, eu retiro

Retiro , vai para maré vazante, pois esse carnal não é teu, é da Virgem Mãe de Deus, que Deus fez e Deus criou, tem padrinho e tem madrinha que batizou.

Essa quebrança, essa morfina, essa admiração do teu carnal, Nosso Senhor Jesus Cristo retira e Nossa Senhora do Monte vai te dar uma limpeza em toda parte do teu carnal

Leva...esses olhos escumungados, estoporado, esses ventos maus, mirante e reparador de homem e de mulher, de pequenos e grandes, de casado ou de solteiro, de parente ou de derente... Vai combater com a maré vazante, onde vai teu corpo, não há de passar tua sombra. Maria valei (fulano)

¹⁸ Entrevista realizada na Zona Rural denominada Rio da Dona/setembro 2014

(Faz essa oração uma vez com um ramo, repete com dois ramos e logo após faz com os três ramos. Depois coloca a mão na cabeça do consulente com o ramo e continua as rezas)

Pai Nosso e Ave Maria (3 vezes)

Reza a Salve Rainha pedindo limpeza para o carnal de (fulano) e continua rezando...

Rogo pedindo a Nossa Senhor Jesus Cristo, a Virgem Maria e a Nossa senhora do Monte, que te dê força, vida, saúde e lance as santas virtudes sobre o teu carnal, prá século sem fim amém.

(Com os ramos juntos, cruza só a cabeça do consulente rezando)

O anjo da tua Guarda é a semelhança do Senhor e essa admiração do teu carnal Deus converte em varas. Do teu carnal (fulano), confia em Deus, pois Deus vai te dar alívio e poder e essa admiração do teu carnal, Jesus Cristo há de converter.

Pois Bendita é a noite, a esperança é o dia e a estrela a guia e vai retirar esses olhos maus, para séculos sem fim amém. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e Nosso Senhor Jesus Cristo e Nossa Senhora do Monte desterrai esses olhos maus de teu carnal por séculos sem fim amém

Em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo amém (se benze 3 vezes)

Deus lhe dê força, vida e saúde e lance as santas virtudes sobre você.

Ave Maria, Ave Maria, Ave Maria... (ESPÍRITO SANTO. Entrevista)

Tia Quinha, mulher brava, batalha ainda pela sua sobrevivência na roça, capina e varre seu terreiro na frente da casa, raspa mandioca, faz sua comida, acende o fogo de lenha, limpa sua casa, lava sua roupa. Olhar forte e destemido, corpo franzino, demonstra uma vivência árdua, persistente e corajosa de uma vida inteira na zona rural. Sua vitalidade é impressionante, adora dançar, festas, sambas, sorrir, cantar e sente-se feliz e agradecida a Deus por ainda conseguir fazer suas tarefas diárias sem auxílio de qualquer outra pessoa. Sábia, decidida, revela sua forte personalidade através de expressões de sabedoria e filosóficas, tendo para tudo uma resposta imediata. “Minha fia, quando Deus tarda, está calçando as alpercatas”, um modo de tornar as pessoas que a visita, tolerantes, confiantes, esperançosos de dias melhores e com força de lutar pelo que quer. Valores morais são uma constante em sua vida, os quais, no entanto, afloram naturalmente, como parte integrante de sua personalidade.

A vida de Tia Quinha reflete um grande exemplo de como as nossas vidas estão envoltas na ação das rezadeiras, sempre presentes, de alguma forma. Mulheres que conhecem várias orações e ritos que ajudam na cura de muitas pessoas e até de plantas e animais. A união de dois importantes elementos: a fé na ação das rezadeiras e a combinação de ervas contribuem para a cura de muitas pessoas, que, muitas vezes, não tem como recorrer à medicina alopática, pois além de remédios caros, elas relatam que o atendimento é de péssima qualidade. As benzeções se apresentam nesse arsenal medicinal como importante veículo condutor dos indivíduos à saúde, uma vez que o conjunto de técnica, rezas, orações e gestos associados à fé dos executores das benzeções e daqueles que as recebe contribui para extirpar as doenças do corpo, ou seja, a cura.

Benzer uma pessoa é o ato de rezá-la pedindo que dela se afastem todos os males ou mal específico que lhe estejam afligindo, tudo depende da fé de quem procura a cura para estes males. Essa prática é utilizada desde a antiguidade, podendo-se dizer que, segundo textos bíblicos, Jesus já a empregava durante sua peregrinação pela terra, quando impunha suas mãos sobre os enfermos e sofredores e que seus apóstolos continuaram fazendo após seu desencarne.

Segundo Pe. Marcos Alcântara, pároco da cidade de Ubatã(Ba)”, benzer vem do verbo latino, Bene/dire, que significa dizer bem da pessoa. Contudo abençoar é uma ação divina, que dá a vida e da qual o pai é a fonte. Sua benção é ao mesmo tempo, palavra e dom. Aplicado ao ser humano, esse termo significa a adoração e a entrega a seu Criador, na ação de graças. A benção exprime, o movimento de fundo da oração; é o encontro de Deus e do ser humano; nela o dom de Deus e a acolhida do ser humano se chamam e se unem. A oração de benção é a resposta do ser humano aos dons de Deus: uma vez que Deus abençoa, o coração do ser humano pode bendizer Aquele que é a fonte de toda benção.”

Acredita-se que há necessidade da pessoa que realiza a benzedura possuir dons espirituais, que qualquer pessoa pode fazê-lo desde que tenha fé na força que vem de Deus e que habita em cada um de nós. Para cada mal existe um tipo de benzedura que tanto associa no ritual objetos, orações e cuidados especiais quanto a hora da benzedura e em que condições pode ser feita. Pode-se dizer sem sombra de dúvidas, que as rezas e benzeduras são a aplicação do passe comumente encontrado nos templos espiritualistas, servindo de veículo de socorro e assistência na prática da caridade.

Além dos seres e objetos sagrados de Tia Quinha, existe sua fonte, onde as águas são minadas das pedras, cobertas por jasmim do campo, onde todo mês são feitas por ela as benzeções das águas e todo final de ano, tem um ritual ministrado por ela. Não são todos que podem chegar nesta fonte sagrada. A água é benta e utilizada por Tia Quinha nas suas rezas e para beber em sua casa cotidianamente. Segundo Tia Quinha, sua mãe, já fazia esse ritual na fonte. As observações de Tia Quinha oportunizadas pela mãe rezadeira, já familiarizou com as benzeções.

Fala da fonte como um lugar sacralizado, o da religião e enquanto mulher negra religiosa se debruça na história da fonte, uma história pessoal sua, de sua família. Ela com um olhar distante conta que quando sua mãe foi morar naquele pedaço de terra dentro do mato dado pelo senhor de engenho Antonio José, após já ter duas filhas dele isso há muito tempo já tinha esse brotinho de água vindo de dentro das pedras. Sua mãe a cercou e ali junto com seu pai Lucas, criou ela e seus irmãos. A fonte era para tudo, mais sua mãe rezava as águas, colocava luz e objetos para limpar e purificar a água. Segundo Tia Quinha ela afirmava que aquela água sacudida dentro de casa, banhando o corpo, bebida por alguém, afugentava o poder do demônio, destruía a inveja, as maldições e tantos outros males. A água trabalhada por quem sabe, dava abundância de bens materiais, afastava as enfermidades, libertava do mal estar, medo, e pesadelos além de quando jogada nas plantações, afugentava ratos, gafanhotos, lagartas entre outras pestes.

Dessa maneira, a compreensão do universo sagrado religioso presente em suas benzeções, requer que tenhamos a sensibilidade de insistir em tais práticas culturais atreladas ao seu principal veículo de propagação: a oralidade. A fala, nessas práticas de cura, como via de transmissão do poder divino é a principal responsável por resguardar receituários e benzeções para as gerações futuras, o que fica fixado na memória, assegurando a sua propagação.

O ato de rezar traz consigo grande simbologia, sobretudo, quando levado em consideração o seu teor suplicante e solidário, no qual se objetiva proteger o enfermo das mazelas físicas ou simbólicas que estão o assolando. Nesse sentido, a benção, objeto múltiplo e específico do ato de benzer, pode ainda possuir um efeito de exorcização do mal, que repara a tragédia, a dor, a aflição e o sofrimento.

É fato que aqueles que benzem, trazem consigo símbolos de sua vivência religiosa e espiritual, sendo a execução da benção uma forma de representação de sua vida. Geralmente existe um apego das benzedadeiras às práticas religiosas, fazendo

com que a cura seja intercedida por santos, tendo em vista que as práticas curativas são sempre enfáticas no que diz respeito à perspectiva religiosa. O ritual da reza de benzedura envolve orações e a utilização de elementos capazes de afastar os males, encontra respaldo em diversas explicações, segundo Tia Quinha.

Essas explicações podem estar ligadas a preceitos católicos ou a conhecimentos e princípios de ancestralidade africana e indígena, como no caso da utilização da folha certa para cortar o mal ou na preparação de chás e beberagens. E mais, Tia Quinha complementa sua fala sobre a eficácia de suas curas dizendo que “se não fosse assim, os médicos não mandavam ‘procure uma benzedeira que ajuda muito na cura do fogo selvagem’, do cobreiro”, que eles têm como doença dermatológica. Nota-se que, outro elemento que aparece na sua fala é a junção da medicina oficial e dos saberes ancestrais para ajudar na cura das doenças.

Quanto aos horários para realizar as rezas, trata-se da própria simbologia que o tempo possui nesse universo natural e sobremaneira, sagrado. Segundo a rezadeira: "Depois das 5:30, quando o sol se esconde, não reza. Não se reza gente de noite". (ESPÍRITO SANTO. Entrevista). Portanto, faz-se necessário respeitar as imposições do mundo natural do qual a rezadeira faz parte, bem como acreditar em sua eficácia para a cura de diferentes mazelas.

As rezadeiras acreditam que, uma vez violando o horário permitido e estabelecido pela natureza que corresponde ao período do nascer e o poente do sol, a benzeção não tem eficácia. Somente as súplicas feitas em horários adequados serão atendidas, no entanto, caso o enfermo esteja passando por momentos difíceis, abre-se uma exceção e Deus atende o pedido, perdoadando a todos pela violação sagrada. O tempo que rege as orações e o tempo natural é sagrado.

Tia Quinha não cobra pelos seus serviços, acredita que tem um dom, e é Deus que lhe concede esse dom. Confirma que, o que Deus deu, ela retribui em caridade, pois não se deve vincular a palavra de Deus a recompensa financeira. Afirma ainda, que a gratuidade dos seus serviços, faz de si uma rezadeira de fé e das suas rezas onde os consulentes conseguem a cura, só quer respeito, carinho e gratidão.

As práticas de cura possibilitam o resguardar de saberes compartilhado coletivamente demarcando um território cultural que concede notoriedade àqueles executores das benzeções. Tia Quinha está localizada em sua comunidade como detentora de saberes, nesse sentido, a comunidade concede um espaço de poder

específico a ela, em virtude de conhecimento e vivência que possui na sua identificação simbólica de práticas, costumes e devoções.

O que marca o discurso de Tia Quinha é a ancestralidade. Podemos dizer que sem sua crença, Tia Quinha não estaria se manifestando em torno desta herança ancestral que propaga, de existência real e mítica, criando e se recriando em seu discurso, enquanto herdeira de fundamentos enraizados na tradição e memórias ancestrais. Tradição que é viva, que não necessita de defesa, mas de ouvidos e ouvintes para que guardem consigo os relatos de experiências e aprendizagem contados na calma de suas palavras, nos risos e gestos que encantam.

O simples fato de sempre estar acessível aos necessitados revela em Tia Quinha esse sentimento fraterno, o sentimento de doação encontrado em seus preceitos religiosos, cujo maior propagador em sua opinião foi Jesus Cristo e Nossa Senhora. Ela tem internalizado que tão importante quanto o ofício de médico renomado, é prestar favores a população que carece de um conforto físico ou espiritual. Não reza esperando recompensas materiais, aguarda ser escutada por aquele que, na sua opinião, proporciona a concretização de suas súplicas: Deus.

Apesar de os órgãos públicos possibilitarem novas maneiras de lidar com a saúde e a doença assegurando-lhes respostas mais imediatistas, as camadas mais populares relutam em abandonar antigos métodos para conduzir enfermos à cura. Conhecer a funcionalidade de orações, gestos e ervas possibilitou e legitimou a execução das atividades grupais das rezadeiras, cujas práticas culturais, podem ser consideradas com patrimônio intangível, compreendendo como sinônimo de herança cultural. Os saberes presentes na benzeção compreendem um território de identidade que permite visualizar as experiências dessas populações, (re)construindo e (re)significando o conhecimento.

"Eu podendo fazer o bem, o mal não faço a ninguém."

(Tia Quinha)

3- MISSÃO DE REZAR

3.1- Reza é ajuda divina

Tia Quinha sempre residiu na roça. Localizada no meio do mato entre morros e arvoredos, fumaça na chaminé, uma pequena casa de taipa, caiada de rosa e com portas e janelas de jaqueira tosca pintada de verde, paredes queimadas e pretas pela fumaça e churume do fogo à lenha, telhado baixo com madeiras de pau a pique, uma sala, um quarto, uma cozinha de vãos minúsculos, parecendo uma casa de histórias em quadrinhos, quase nenhum móvel, um porrão para água, bancos de madeira, uma bacia para o banho. Na sala, um nicho com várias imagens de santo, nenhum conforto material.

De longe vemos Tia Quinha, uma negra franzina com seu cachimbo entre os dentes, sorriso nos lábios, tirando sua fumaça, olhando o horizonte, pensativa, sentada no batente da porta, pernas dobradas, olhos examinadores, uma boca quase sem dente, o jeito carinhoso e o conforto no abraço. Mulher forte, guerreira, de trabalhos duros e braçais na roça, de uma pobreza financeira enorme e que corria a pescar à noite, para poder se alimentar, pois, seus pais não tinham condições de comprar o necessário para sustentar todos os filhos. Segundo ela, vivia de favores, esperando que alguém mandasse alimentos para poder sobreviver. Ela nos faz esse relato pensativa e com os olhos perdidos como se estivesse revivendo os momentos passado junto aos seus pais.

Minha fia, papai trabalhava do nascer ao por do sol nas terras do outros por quase nada. Mamãe não parava nas casas de farinha, destocando fumo, fazendo parto, rezando, quase a troco de nada. Sabina minha irmã era parálitica, nós os fio eram jogado nas casas das branca pra ajudar. Tinha dia minha fia que eu pegava o dia inteirinho com uma foice na mão cortando lenha, cortando mato como um macho brabo (pára pensativa...). Outro dia, ficava mais de uma semana torrando farinha, impunhando prensa, cessando farinha, ficava que nem catitú(bicho brabo), que nem mesmo a bichina nós lavava (risada forte), pois quem torra farinha, não mexe em água de jeito nenhum por causa da maldita custipação... a gente ficava a semana inteirinha sem tomar banho, ainda por cima fia eu vinha com os braços que não podia fechar queimado... mexendo com fogo a lenha e o arguidá de ferro,,ah sofrimento!. Quando não era isso, ia destocar pasto êê trabalho danado, hum, hum. Minha fia. desse mundo eu já vi de tudo um pouco...e não foi pouca

coisa não. Quando chegava da lida, não tinha nada o que comer, a não ser farinha, pois farinha sempre tinha, nunca faltou, pois nós trabalhava na casa de farinha e o pagamento era dois, três quilo de farinha que a gente trazia num emborná (saco de pano). E aí minha fia, quando chegava, ainda nós ia pro rio pescar... (para pensativa, sacudindo as pernas) no dia melhorzinho ainda achava camarão miúdo, quando não, só vinha xorroxó (peixe miúdo)... comi tanto xorroxó pra sobreviver que até hoje não como peixe de jeito nenhum, só na semana santa, mais é um pedacinho assim ó, pra Nosso Senhor Jesus Cristo, não ficar triste comigo. (ESPÍRITO SANTO. Entrevista.)¹⁹

Tia Quinha fala de sua vida e dos trabalhos braçais que fazia, mais em momento algum critica o que passou, não fica maldizendo a vida. Nesse seu relato nos mostra a realidade de muitas famílias brasileiras principalmente da zona rural que passam privações até nos dias atuais. Nota-se porém, que aparentemente, rezadeiras e benzedadeiras se enquadram num grupo social e cultural bem definido: em grande parte dizem respeito a trabalhadores, sobretudo trabalhadores rurais e/ou dos armazéns de fumo. Inserem-se num universo religioso semelhante ao agregarem devoções, buscando o amparo e a intercessão das diversas entidades sobrenaturais, atreladas ao conhecimento de um vasto receituário de ervas e emplastos para conduzir os enfermos à cura de doenças na esfera orgânica e espiritual. No relato abaixo, Tia Quinha explana com cuidado a sua vida difícil e o cuidado que sua mãe tinha no manuseio das ervas e folhas para cura de suas enfermidades quando necessário.

Ah! Minha fia, a minha vida foi uma vida difícil..., que eu sempre morei aqui na roça, num sabe, nasci e me criei aqui e daqui só saio quando Deus me chamar. Mamãe criava e curava a gente com mato, pois se sentia uma dor fazia chá, se gripava fazia calda, quando tomava uma pancada masserava folha e colocava e tudo isso com a reza, pois em tudo ela rezava, além de dar beberagem. To nessa idade e nunca fui num médico. Então nós, quando precisava de uma roupinha, um calçado, nós ia tirar lenha prá vender. Quem levava era José, até mesmo uma galinha, ovos, e aí a gente comprava o que devia, que mais precisava, isso de festa em festa minha fia. A gente fazia roça de meia, porco nós criava de meia tanto que nos faz isso até hoje. Olha aí Vitalino (sobrinho que ela criou) trabalhando igual maluco nas terra dos outro. Minha fia, nós já sofremos e passamos muita dificuldade. (ESPÍRITO SANTO. Entrevista.)²⁰

Quando Tia Quinha fala de sua mãe nas ações curativas, das suas mãos ágeis que sustentavam ramos verdes e manuseava com sabedoria as folhas. Quando

¹⁹ Entrevista realizada na Zona Rural denominada Rio da Dona/outubro 2014

²⁰ Entrevista realizada na Zona Rural denominada Rio da Dona/outubro 2014

rezava traçando cruzes sobre a cabeça e os lugares doente dos seus filhos, ela tecia um fio invisível, poderoso, unindo as dores dos filhos, mazelas sem fim à magia do benzimento. As folhas utilizadas, absorviam o espírito da doença. As orações invocavam o sagrado, as forças invisíveis da natureza proporcionando o poder da cura. Essa herança ancestral de Tia Quinha confirma que, as práticas de cura possibilitam resguardar os saberes compartilhados coletivamente, demarcando um território cultural que concede notoriedade àqueles executores das benzeções localizados em suas comunidades, detentores de saberes. Ela vem atuando como corpo político de enunciação, produzindo conhecimentos a partir de diferentes experiências, vivências, narrativas e contextos. Conhecimentos e saberes que revelam a importância dos processos de resistência, vivenciadas ao longo da sua história. Nesse sentido a comunidade concede um espaço de poder específico, em virtude dos conhecimentos que ela possui, como mulher negra formadora de opiniões em diferentes dimensões: política, cultural, religiosa, desafiando preconceitos, enfrentando desigualdades e discriminações

O território dos saberes possibilita a identificação de um grupo aproximando experiências e expectativas, território cuja representação transcende a uma descrição geográfica de localização. Segundo FEATHERSTONE (1993) apud FLORES (2006) o saber fazer local seria uma própria forma de expressão cultural local, através da qual se estabelece as relações de indivíduos e grupos. Referindo-se às relações sociais existentes em territórios delimitados e pequenos, onde se estabelece formas específicas de representação com códigos comuns. De fato, trata-se de uma identificação simbólica de práticas, costumes e devoções.

Tia Quinha fala de sua devoção e missão de rezar e diz que tinha uma vontade de aprender de ler e escrever seu nome. Segundo a mesma se soubesse escrever um pouco tinha suas orações anotadas para quando Deus a chamasse alguém pudesse aprender e ajudar os filhos de Deus que precisa de reza. Conta também que sua vida de trabalho não deu a ela essa oportunidade e na verdade, podemos observar esse fato claramente no relato que faz abaixo com tantos detalhes.

Uma vez minha fia foi cortar de machado com Candinha minha irmã, pois queria comprar um corte de pano e uns papé prá aprender a escrever meu nome. Quando Candinha bateu no pau veio uma lasca e bateu no meu peito e eu caí dura. Não me mexia só lembro de ter dito "Oh Candinha tu me matou". Minha fia Candinha saiu doida gritando e minha mãe veio correndo e

disse “Tu matou minha fia Candinha,,,Quinha morreu”. Me pegou nos braços e chegou em casa e me colocou numa gamela me cobriu com folha e um banho de ervas e disse se amanhecer é milagre de Deus e Nossa Senhora. Então minha fia eles me velaram a noite toda, dizem que mamãe trocava o banho de ervas quando a água esfriava e desse mesmo banho enfiava em minha boca. Fiquei na gamela a tarde e a noite toda desacordada, morta (risos). Quando de manhãzinha eu abri os olhos ai minha mãe disse “minha fia tá viva”, e me enrolou com uns panos e me botou na tarimba²¹, Com três dias voltei a falar e não sentir mais nada até hoje (risos). Então não aprendi nem leitura, nem nada , a escola e a lição que aprendi na vida, foi só trabalhar e rezar...(para pensativa, olhando o horizonte, sacudindo a cabeça e as pernas; rosto emocionado, olhos cheios d'água) (ESPÍRITO SANTO. Entrevista.)²²

Inegavelmente os lugares ocupados pelas rezadeiras perpassam a experiência no universo do trabalho, na luta pela sobrevivência em virtude de privações materiais, a iniciação nas benzeções, o apego a religiosidade contribuindo para identificar o espaço social e cultural que esse grupo de indivíduos se localiza. As evidências da pertença coletiva não visam condicionar os sujeitos num território sociocultural fixo, definido e determinante, mas elucidar reminiscências de práticas culturais comuns a um grupo. Compreender as identidades empreendidas no âmbito das benzeções requer que se considere o processo em seus diversos aspectos ou dimensões.

É possível observar também que, no final da fala, Tia Quinha, aparentemente freia a conversa quando frisa que a idade avançada a impossibilita de trazer à tona mais recordações dos anos vividos. Entretanto essa reticência final no depoimento possibilita visualizar certa cautela de sua parte em rememorar as lembranças expostas sobre suas vivências. Sente saudades de sua mãe e dos cuidados recebidos pela mesma. Quando fala seu corpo estremece como querendo o colo e a proteção de sua mãe num afago carinhoso que só o calor do aconchego materno acalenta.

[...] mais, como eu queria ter minha mãe aqui comigo. Ô falta que faz mamãe...Todo dia, digo, fia, quem tem a sua mãe que zele, cuide com carinho, porque mãe é mais doce do que o mel. Não tem ser, nem palavra que adoce mais nossa vida e nosso coração do que mamãe. (ESPÍRITO SANTO. Entrevista.)²³

²¹ Cama artesanal feita de pau de candeia

²² Entrevista realizada na Zona Rural denominada Rio da Dona/agosto 2016

²³ Entrevista realizada na Zona Rural denominada Rio da Dona/novembro 2014

Cada trajetória de vida traz experiências únicas, contudo, refletem os tipos de relações sociais e culturais vivenciadas no espaço como homens e mulheres do seu tempo. Tia Quinha enfrentou um cotidiano de luta pela sobrevivência e buscou uma forma de se defender da exploração e subjugação do sistema, além das tão desiguais relações entre homens e mulheres na sociedade brasileira, no contexto do Recôncavo da Bahia.

Ser mulher e negra nesta sociedade tornou a existência muito mais difícil e complexa, pois ela esteve sempre sujeita a toda sorte de investidas e interpéries. Filha de trabalhadores rurais, Tia Quinha informou ser sua mãe Apolinária, filha de uma negra escrava que vivia na roça do Fazendeiro Antônio José (Dindinho Antonio). Portanto, sua avó teria vivido as amarras e condições impostas pela escravidão no Brasil, porém sua mãe foi criada pela patroa para ser mucama, uma empregada do “pessoal da fazenda”. Não fala dos avós, não os conheceu, não sabe os nomes, só o pouco que sua mãe lhe passou.

O jeito frágil e o corpo franzino, desta mulher negra secular mostra sua vivência e convivência com o estritamente necessário. Em sua casa, numa roda amigos/parentes, em visita pois a mesma encontrava-se doente falávamos sobre a preferência alimentar e com um sussurro forte, ela comentou sobre como sua mãe alimentava sua família, ou seja, ela e seus irmãos.

[...] minha fia, mamãe em tudo que ela fazia prá nós cumê ela dizia: “Vamos cumê as graça de Deus com tomate”. A gente cumia mais ovo num sabe, pois mamãe criava umas cabecinha pouca. Quando dava hora de cumê, ela botava a panela no fogo e botava tempero num sabe, um bocado de folha. Quando a água fervia, ela pocava uns ovo dentro e depois botava farinha e fazia um pirão. Chamava nós tudo aquele monte de minino e botava aquele pirão na gamela e nós cumia tudo junto. Todo mundo metia a mão e ia comendo. Nós num tinha prato, mamãe botava numa gamela feita de jaqueira e todo mundo ficava satisfeito. Depois nós bebia água e ia prá lida. (ESPÍRITO SANTO. Entrevista.)²⁴

A gamela é de ritual africano. É uma herança africana, onde a união, o distribuir da comida em igualdade para todos, que são irmãos, que não possuem diferenças. Antigamente os iniciados, na religião de matriz africana, tomavam banho e comiam dentro da gamela. A gamela é um fundamento muito forte do Orixá Xangô e Iansã, onde suas comidas (amalás), são servidos na gamela. (Nilton Ty Ossain- Babalorixá).

²⁴ Entrevista realizada na Zona Rural denominada Rio da Dona/novembro 2014

Os movimentos feministas tem abalado velhas crenças de base patriarcal e posto outras categorias para pensar o cultural e o social. A sociedade é entendida como centralmente atravessada por lutas em torno da afirmação de discursos, narrativas e saberes que tentam definir o social e o político de formas muito particulares, intimamente vinculados a relações de poder e domínio. A identidade dominante é a masculina. Na história a figura dominante é o homem e Tia Quinha foi e é protagonista no lugar onde mora, uma produtora de conhecimento. Ela é um ser reconhecido, falando e fazendo sua própria história quebrando esse domínio masculino.

Tia Quinha não casou, não teve filhos. Em seus relatos, conta que “gostou de Joaquim, irmão de sua melhor amiga Maria José, mais que o deixou pela diferença de idade. Decepcionado e triste, Joaquim foi embora deixando tudo, até mesmo os documentos e nunca mais retornou, nem mesmo deu notícias a família até os dias de hoje”. Talvez tenha sofrido de solidão em algum momento da sua longa vida, mas é possível que tenha compensado essa carência afetiva estreitando os laços de amizade, parentesco, compadrio e, dedicando-se de corpo e alma ao ofício de rezadeira. Doou-se intensamente à prática das rezas com amor, concebeu o seu ofício mais como um sacerdócio, uma missão de Deus. Sua trajetória remonta a um período em que as mulheres estavam fadadas a cumprir o papel de mãe, esposa e filha, ocupavam-se das prendas do lar e mal aprendiam as primeiras letras. Mesmo sendo um papel mais direcionada as mulheres brancas, a família de Tia Quinha, conservava estas práticas, esses valores, tanto que todas as suas irmãs casaram e tornaram-se mulheres prendadas e do lar.

Vaidosa, gosta de pintar as unhas, se perfumar, vestir roupas limpas e cheirosas, manter seus cabelos penteados presos a um lenço. Passos curtos e devagar demonstram o tempo de vivência e passos que entrecortaram muitas estradas, num ritmo de trabalhos e práticas de suas rezas. Não gosta de ser chamada de curandeira, sempre se denomina rezadeira, pois diz que quem cura é Deus e ela é apenas seu instrumento. Assim, tais práticas remetem o pesquisador e leitor não só a entender o religioso, simbólico, mágico, secreto e empírico dos atos de cura, mas sobretudo, identificar a sua importância social entre as comunidades urbanas e rurais de Santo Antônio de Jesus.

No que se refere aos cuidados com saúde e doença, muitos moradores da zona rural como da zona urbana procuravam um jeito alternativo de cura solucionando

assim seus males com as rezas e benzenções. Nesse sentido, Tia Quinha e tantas outras rezadeiras utilizavam recursos que teriam aprendido no dia a dia. Práticas estas que aprendera com sua mãe, uma grande conhecedora do valor terapêutico das ervas e plantas medicinais. Para o ar-do-vento, geralmente nome dado à causa que provocaria certos tipos de mal, como enxaquecas crônicas, sobretudo, paralisias facial ou de algum membro do corpo, também conhecido como “derrame”, emprega-se no processo da cura, além da reza oficiada por alguma benzedeira, o uso de enxofre.

Para rezar do ar do vento, passa o alho com álcool nos braços, nas mãos, no peito e na cabeça e com galho de pião roxo, quarana ou fedegoso, começa a benzeção. Tia Quinha coloca a mão direita sobre o coração da pessoa afetada e diz: "Nosso Senhor Jesus Cristo me ajude onde eu ponho a mão!" E continua com a prece de caritas²⁵:

Deus nosso pai, que sois todo poder e bondade, daí força àqueles que passam pela provação, daí luz àqueles que procuram a verdade, ponde no coração do homem a compaixão e a caridade.

Deus, daí ao viajor²⁶ a estrela guia; ao aflito a consolação; ao doente, o repouso. Pai, daí ao culpado, o arrependimento; ao espírito, a verdade; à criança, o guia; ao órfão, o pai. Senhor, que vossa bondade se estenda sobre tudo o que criastes. Piedade, Senhor, para aqueles que vos não conhecem; esperança para aqueles que sofrem.

Que vossa bondade permita aos espíritos consoladores derramarem por toda a parte a paz, a esperança e a fé. Deus, um raio, uma faísca do vosso amor pode abrasar a terra. Deixai-nos beber na fonte desta bondade fecunda e infinita e todas as lágrimas secarão, e todas as dores se acalmarão. Um só coração, um só pensamento subirá até vós, como um grito de reconhecimento e de amor.

Como Moisés sobre a montanha, nós vos esperamos com os braços abertos. Oh! Bondade, Oh! Poder, Oh! Beleza, Oh! Perfeição. E queremos de alguma sorte merecer a vossa infinita misericórdia. Deus, dai-nos força de ajudar o progresso a fim de subirmos até vós; dai-nos a caridade pura; dai-nos a fé e a razão; dai-nos a simplicidade que fará de nossas almas, o espelho onde se deve refletir a Vossa Santíssima imagem. (Prece de CÁRITAS)

Saiu Jesus, Maria e José. Jesus e Maria andava, José atrás ficava. Caminha José. Não posso senhora. Que tem José? Uma dor no corpo de (fulano). Volta José e cura, dor de cabeça, pontada, enxaqueca, curtipação, congestão do corpo de (fulano) e joga nas ondas do mar sagrado. Pelo poder de Nosso Senhor Jesus Cristo (fazer uma cruz no peito da pessoa), este quebranto vai sair pela cabeça, pelos lados, pelas costas, por cima, por baixo, por trás, pela frente. Assim como digo com fé em Nosso Senhor Jesus Cristo (fazer novamente uma cruz no peito da pessoa), assim se fará. Este quebranto vai sair pela frente, por trás, por cima, por baixo. Amém! (Rezar um credo, um Pai Nosso, uma Ave Maria e uma Santa Maria. (ESPÍRITO SANTO. Entrevista.)

²⁵ A prece psicografada na noite de natal, 25 de dezembro de 1873. Ela se chama Cáritas por foi ditada pelo espírito Cáritas.

²⁶ O mesmo que viajante

Tia Quinha costuma dizer que ar do vento não é a mesma ventuosidade. Segundo a mesma, o ar do vento é um mal sifilítico (a pessoa sofre em demasia) caminhando para o derrame, já ventuosidade, são algumas dores que costuma dar em algumas partes do corpo que ela denomina como pontadas e existe rezas específicas para os dois casos. Na ventuosidade ela coloca a mão no lugar afetado, se benze, levanta o semblante e as mãos para cima e diz: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo” e então começa cruzando e rezando a consulente proferindo as seguintes palavras. Essa reza foi especial para as pernas

Saiu Jesus, Maria e José e encontrou com Pedro e Paulo que o acompanhava. Jesus, Maria e José andava, Pedro e Paulo atrás ficava. Caminha Pedro e Paulo!... Não posso senhora. Que tem Pedro e Paulo? Uma dor na perna de (fulano). Volta Pedro e Paulo e cura, pontada, curtipação, dor na perna de (fulano) e joga nas ondas do mar sagrado. Pontade de pontaria, Jesus, José e Maria, Pelo poder de Nosso Senhor Jesus Cristo (fazer uma cruz no peito da pessoa) , esta dor vai sai de tua perna.

Deus é Deus, ele é. Filho de Maria sem pecado ele é, com esperança reza ao senhor. Com os poderes do senhor, pontada de pontaria, peço a Jesus, José e Maria que cure essa pontada de tua perna, pelos nervos pelas veias. Assim como o Senhor São Roque curou chagas por chagas, Senhor Jesus há de te curar essa tua perna de ventuosidade no sangue, nas veias, nas juntas, nos nervos, Nosso Senhor Jesus Cristo há de te curar por séculos sem fim amém. Deus é Deus e filho de Maria sem pecado, essa dor na tua perna vai ser desterrada e aliviada por séculos sem fim amém. (repete 3 vezes)

O Anjo do Senhor é tua semelhança e contra pontada e ventuosidade. Onde vai Pedro Paulo? Vou a Roma senhor. Fazer o quê? Curar a dor na perna de (fulano)

Pai Nosso e Ave Maria (3 vezes). Salve Rainha pedindo que mostre a cura que aflige (fulano). Pedindo e rogando a Nosso Senhor Jesus Cristo que lhe dê força, vida e saúde e lance as santas virtudes em cima da tua perna por séculos sem fim.

Ofereço esse Pai Nosso que rezei em intenção de Jesus que é filho de Maria que é vivo e na intenção do Divino Senhor São Roque que assim como ele curou chagas por chagas, Nosso senhor Jesus Cristo, há de curar tua perna por séculos sem fim amém, Em nome de Deus essa dor vai ser desterrada e aliviada para séculos sem fim amém, Oh Maria valei (fulano)

Ofereço esse Pai Nosso em intenção do divino senhor São Roque ara que seja desterrada dores por dores, osso por osso, junta por junta, nervos por nervos. Essas dores vão ser desterradas e aliviadas por séculos sem fim. (Repete 3 vezes). Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. (ESPÍRITO SANTO. Entrevista.)

Pontuamos assim que os saberes e práticas mágicas desempenhado pelas rezadeiras tem reconhecimento pela procura dos consulentes afim de curar suas mazelas. As palavras proferidas por Tia Quinha se tornam tradução do dom de cura segundo a mesma, dada por Deus. O segredo guardado nas mãos, no olhar, nos gestos e no seu discurso, ganha um ar de misticismo dentro da sua vasta experiência

e vivência e essa cumplicidade e confiança que existe entre ela e o consulente faz com que a mesma seja uma guardiã desses saberes mágicos. São diversos os motivos pelos quais uma pessoa procura uma rezadeira e um dos motivos que podemos presenciar foi de uma consulente que procurou Tia Quinha com uma forte dor no peito, sentindo falta de ar e de apetite. Tia Quinha pegou um cordão e mediu a consulente da ponta do dedo até o cotovelo, depois com a mesma medida, mediu os ombros, constatando assim a doença da mesma. Logo após, ela coloca a consulente em pé na porta da entrada da casa com os braços abertos de um lado a outro, depois retira todo adorno que por ventura a consulente esteja usando. Levanta o semblante e os braços para cima e diz: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”, e com as mãos começa a benzer e rezar.

Deus salve Mãe de Deus Pai, Deus salve Mãe de Deus Filho, Deus salve esposa do Divino Espírito Santo. Maria que é mãe de graça, ela é mãe da misericórdia. Assim como o padre santo veste e reveste e celebra sua santa missa no altar, sua espinhela vai para o lugar. Se ela é de mal forte que deu, se é de um lado morfinha, no bofe, no rim e atinge toda a junta, a espinha da espinha dorsal...A Virgem da Conceição alivia junta por junta, veia por veia, nervo por nervo, osso por osso, ela junta tudo e bota tudo no lugar aliviando as dores por séculos sem fim amém.

Arcas abertas, espinhela caída há de levantar, com os poderes de Deus e da Virgem Maria te consagrar. Assim como a Virgem da Conceição com o seu divino embalo põe, o seu divino manto enrolou o seu bento filho, pedindo e rogando a Virgem da Conceição, que pegue a tua espinhela e bote no lugar por séculos sem fim amém.

Nossa Senhora do Monte Serrat, ela veio ao mundo no dia 13 de maio de Versalhes, de versalhão, pedindo e rogando a Nossa Senhora do Monte Serrat que varcele tua espinhela, varcele toda veia, toda junta, todo nervo do teu carnal e tua espinhela volte para o lugar. Volte para o lugar, varcelado e aliviado por séculos sem fim amém.(reza a frente da pessoa, depois as costas)

Jesus Cristo quando nasceu sete passos ele andou e a espinhela de (fulano) levantou(puxa um pouco de cabelo no meio da cabeça por 3 vezes) (reza 2 vezes na frente e nas costas)

Jesus Cristo quando nasceu sete passos ele andou e a espinhela de (fulano) levantou por séculos sem fim amém.(puxa um pouco de cabelo no meio da cabeça por 3 vezes) Maria valei de (fulano) (reza uma vez na frente e nas costas)

(PAI NOSSO, AVE MARIA, SALVE RAINHA)

Ofereço esse Pai Nosso e Ave Maria a Jesus Cristo, a Virgem do monte Serrat em intenção da Virgem da Conceição para que(fulano) fique bom por séculos sem fim amém(3 vezes). Salve Rainha pedindo que mostre a cura que aflige(fulano). Pedindo e rogando a Nosso Senhor Jesus Cristo que lhe dê força, vida e saúde e lance as santas virtudes em cima da teu carnal por séculos sem fim amém.

OBS. Finaliza puxando todos os dedos das mãos e dos pés do consulente. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. (ESPÍRITO SANTO. Entrevista.)

As práticas de cura em muitos momentos, como os narrados por Tia Quinha, não se configuraram como práticas alternativas, mas, sim, como a única possível e por vezes preferível, para solucionar os problemas de saúde.

Para além daquelas práticas de cura, outras dimensões da cultura também eram (re)significadas a partir da inter-relação dos costumes do campo e da cidade. As festas de Santa Bárbara, de São Cosme, de São Roque e tantos outros santos constantemente festejados na zona rural do Recôncavo em função do pagamento de alguma promessa ou em devoção por alguma graça alcançada, também se fizeram presentes com bastante intensidade na cidade de Santo Antônio de Jesus. Tia Quinha informou que até pouco tempo as pessoas da cidade, principalmente seus vizinhos, a procuravam para rezar aquelas ladainhas para algum santo protetor da casa do solicitante. Muitas daquelas promessas e devoções ocorriam por conta da crença que muitos tinham de que certos santos, como São Cosme, São Benedito, Santo Antônio, pudessem interferir na vida da pessoa, principalmente, no momento da doença. Há casos relatados por Tia Quinha em que São Cosme, aliado ao seu parceiro Damião, teria o poder de curar males ou até mesmo conceder outras graças. Dessa forma ela explica e nos ensina a reza tão pouco proferida e solicitada pelos consulentes a ela.

Piedosos e poderosos santos Cosme e Damião, vós que como doutores e defensores da Santa Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, nunca descansastes da campanha aberta contra o demônio e que sempre o trouxestes de vencida, desviando e arrancando das suas tão grandes, tremendas e malvadas garras, os fracos como eu e outros, de quem vos constituístes advogados e que sem as vossas defesas e proteções, não podíamos resistir a tão audacioso perseguidor. Sejais, mais uma vez, os defensores nossos contra este malfeitor, inquietador da união e por entre as famílias, vós que unidos nascestes, vivestes e sempre apregoando a fé, esperança e caridade, o vitorioso nome da virgem das virgens, nossa mãe Maria Santíssima e combatendo o ódio, a vingança, combatei, não descansai lá mesmo das alturas e com maior força este nosso inimigo eterno.

Meus santos Cosme e Damião, vos peço pelo amor de vossos pais, pelo leite que mamastes, pelos vossos santos nomes e de todos os santos da corte do céu, por tudo que escrevestes, defendestes e pregastes, fazei-me este pedido (fazer o pedido) e que eu, de joelhos diante das vossas imagens sagradas, não vos deixo descansar e nem vos solto, enquanto não for feito este milagre, que eu com fé viva no coração espero em nome de Maria Santíssima e do seu Santíssimo Filho. Amém! (ESPÍRITO SANTO. Entrevista.)

Considerados por alguns como irmãos gêmeos, os santos médicos Cosme e Damião (século IV) são muito cultuados no Recôncavo, pois foram associados aos

Ibeji iorubanos, mas aqui é enfatizado o lado curador dos santos doutores. A fé em Cosme e Damião mistura crenças do lado religioso católico e do candomblé. Acredita-se no catolicismo que os santos são doutores que curam e no candomblé Ibejis (crianças curandeiras) que se cultuam ofertando o caruru e doces com mel para fazer a limpeza e pureza do corpo, da alma e do local, seguidos de batuques e sambas, entrelaçando manifestações culturais e religiosas.

Aliado à falta de médico ou à pobreza das pessoas, também, muitas mulheres preferiam acreditar nos poderes de cura das parteiras. Até porque, territorialmente, as parteiras sempre fizeram parte do universo cultural do Recôncavo e de toda Bahia. Mudar este quadro não seria fácil. No caso de Santo Antônio de Jesus, observou-se que a mudança de mentalidade e da crença nos desígnios das parteiras só se efetivou a partir de 1960, de forma paulatina. Ainda sobre o parto, mais particularmente, a convalescência, Tia Quinha conta a sua experiência na reza contra "resguardo quebrado", que é problema de saúde das puérperas nos primeiros dias de parida, manifestando dores fortes de cabeça, dores no corpo, desmaios e hemorragias.

Figura 4 - Tia Quinha rezando dor de cabeça- suspeita de resguardo quebrado.



Foto: Maria Assunção Oliveira(2014)

A primeira vez que viu rezar contra resguardo quebrado tinha 11 anos, junto à sua mãe que foi rezar uma comadre que passava mal após o parto. Atacou uma dor de cabeça e estava correndo o parto (hemorragia). Quando chegou à casa da comadre, ela era nova, não podia entrar no quarto de "mulher parida". Sua mãe pegou a roupa usada da parida e amarrou na cabeça da mesma. Em uma caneca colocou

“óleo de ricínio” com o chá de arruda e losna (plantas medicinais), deu a parida para beber e pôs a mão na cabeça e rezou.

É a vós que agora me dirijo, de olhos postos em vós, Virgem Santíssima, virgem antes do parto, virgem no parto e virgem depois do parto.
É a vós que neste momento peço graças e auxílio, Virgem Santíssima, e que imaculada sempre fostes por obra do Espírito Santo, que gerou em vosso ventre o esplendor de todos os tempos, do mundo inteiro, o vosso adorado e santo filho, Jesus Cristo.
É em nome do Vosso Santo Filho, Virgem Santíssima, que aqui estou, de joelhos, a vos rogar que não me desampareis e a solicitar vossa indispensável assistência para que (fulano) tenha um bom sucesso.
É a vós, Mãe Santíssima, que envio estas súplicas sinceras, na certeza de que saberás me compreender e amparar (fulano) neste delicado momento. Joga esse corrimento, essa dor de cabeça, esse resguardo quebrado nas ondas do mar sagrado, para que (fulano) se cure e possa cuidar do seu rebento. Amém!" (rezar três Pai Nosso e três Salve Rainha). (ESPÍRITO SANTO, Entrevista.)

Hábitos e rituais empregados nas mais variadas práticas curativas, originalmente, estão relacionados com os costumes da cultura negra, com crenças e ritos indígenas e catolicismo popular. Entretanto, as tradições mais marcantes são aquelas manifestadas entre os grupos de populações negras (SANTOS, 2005). Tia Quinha, quando questionada sobre a presença de outros rezadores na região, evidenciou que:

Minha fia, a maioria dessas benzedadeiras, parteiras, aqui era muito pouco – aqui conheci mamãe, vejo falar de Maria de Vespa que ta morando agora na rua [...] Quer dizer que os povo chama ela de curandeira e ela é neta do pai de mamãe com os lado branco....um tempo pra cá, é que o povo não acredita mais. Mas, naquele tempo acreditava, tinha tanta fé nas coisas... bastava dizer: é vem fulano aí que vai te rezar, já ficavam esperando. O povo tinha fé. Quando a pessoa acabava de rezar, já tava bom. Era porque tinha fé. Tinha fé e hoje em dia, o povo não tem né fia... Não cobro nada e as pessoas sempre trazem um agradinho como velas, lenços, copos.... mais pra que quero isso fia,,,eu não vou levar nada no caixão (risos) (ESPÍRITO SANTO. Entrevista.)²⁷

Tia Quinha se reza pela própria sombra. Quando acometida de qualquer mal infortúnio, mal súbito ou mazelas como ela chama, senta no terreiro e reza sua sombra, como se tivesse rezando uma consulente, fazendo os mesmos preceitos, recebendo as bênçãos da cura. Ela também não reza na semana santa, encerrando suas práticas na terça feira da semana santa e retornando no domingo de páscoa com

²⁷ Entrevista realizada na Zona Rural denominada Rio da Dona/julho 2015

o seguinte ritual: “fica em pé no terreiro, com um copo de água na mão, proferindo palavras baixas(segredos), até que o sol passe a sua sombra”. Esse mesmo ritual é feito na sexta feira da paixão e no sábado de aleluia sempre ao meio dia. Quando questionamos sobre a finalidade do ritual, ela afirma:”Fia, nem tudo pode ser dito”.

Tia Quinha, rememorou que entre as pessoas que praticavam rezas e curas de seu tempo - tempo da roça, tempo do trabalho e tempo da rua - as mulheres negras se configuravam em maior presença, sobretudo as parteiras e benzedadeiras, estas andavam, se preciso fosse, “léguas²⁸” para prestar seus serviços. Para Tia Quinha, as práticas de cura – uma reza, um chá, uma simpatia – não teriam eficácia se o doente não possuísse o elemento principal do processo curativo: a fé, a crença na cura (SANTOS, 2005) . A crença de que o mal seria curado e não dependia só do doente, mas também envolvia a rezadeira, uma vez que a pessoa não detentora da fé e do dom espiritual não serviria para officiar certos procedimentos de cura. Lembrou Tia Quinha que, geralmente, não cobra do doente pelas curas realizadas, mesmo assim algumas pessoas levam agradinhos como lenços, vela e copos... que com risos diz que não levará no caixão.

Já rezei muita gente na roça e da cidade, pessoas que vêm de longe, de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e de um monte de lugar e tem pessoas que tratam mal a rezadeira... tem pessoa que vem aqui reza, fica bom e pronto... depois não aparece. Aí é quando eu digo: gente! Como é que tem gente que a gente ajuda... e depois não diz nem obrigado, eu não quero que ninguém pegue isso ou aquilo para poder me dar, só quero agradecimento.. (ESPÍRITO SANTO. Entrevista.)²⁹

O relato de Tia Quinha revela uma outra dimensão da relação cultural. Mediadora da transmissão oral, biblioteca viva de toda história e tradição oral, onde o livro não tem papel social prioritário e sim a memória. Respeitada na comunidade onde vive, passa-se horas a fio ouvindo histórias de sua vida, do seu mundo, sem cansar, apenas buscando aconchego e conforto em suas sábias palavras. O poder de cura delas vai além do que é tido como racional. Simples frases proferidas com fé e esperança, atenuam os sofrimentos, aliviam as almas e reconstroem os ânimos.

²⁸Medida itinerária antiga de unidade de comprimento que corresponde de 4 a 7 quilômetros

²⁹ Entrevista realizada na Zona Rural denominada Rio da Dona/abril 2015

*“Ô falta que faz mamãe.... mãe é mais doce do que o mel.
Não tem palavra que adoce mais nossa vida e nosso coração
do que mamãe. “
(Tia Quinha)*

3.2- A cor da benção: Motumbá, Mukuiu, Kolofé

Ressaltamos a importância da benção e suas denominações dentro deste trabalho, visto que a benção é sinal de respeito aos nossos mais velhos. Importante abençoar e ser abençoado. Dessa forma Motumbá é um pedido de benção entre os nagôs na língua lorubá. Mukuiu é um pedido de benção para nação Banto e Kolofé é um pedido de benção para nação Keto, tratando assim a benção como reverência a ancestralidade africana.

O povo em geral possui devoções próprias derivadas de tradições herdadas de seus antepassados ou agregados ao culto conforme as necessidades de cada época. Os santos são respeitados pelas populações interioranas e consideradas por eles tão dignos de veneração por suas virtudes e caridade quanto os antigos doutores da igreja e os santos de projeção internacional. As rezadeiras tem devoção a muitos santos e apego muito grande ao mundo religioso que venera em sua própria casa, pois mantém o costume de ter uma vida intercedida por santos protetores em função de alguma promessa ou devoção ou talvez por uma graça alcançada. Os santos equivalem a personificação das forças sagradas entre seres humanos através de suas concepções religiosas. Dessa forma busca nos santos uma intervenção na vida através das graças e curas, sobretudo na doença, além de saber dominar as palavras sagradas e para isso é preciso ter bastante fé.

Apesar dos santos católicos, há a mistura também com elementos africanos que demonstram uma interação religiosa entre o catolicismo e o candomblé. É comum para as rezadeiras a junção dos santos católicos com divindades do candomblé, onde vivenciamos esta mistura cultural tão peculiar, tão comum no nosso povo miscigenado, quando oferecemos as pipocas a São Roque (Obaluaiê), caruru a São Cosme São Damião(Ibejis) ou Santa Barbara(Iansã), rituais da religião de matriz africana. A devoção dos santos, regada pela idéia do sagrado e dos pedidos realizados como fonte de solução dos problemas espirituais e materiais.

Outra curiosidade importante que acontece como parte ancestral integrante no ritual da vida de Tia Quinha é a benção. Dos mais velhos aos mais novos lhe pede a

benção e é abençoado. A benção simboliza respeito e reconhecimento, valorização da sabedoria expressa através da tradição oral. A benção foi aprendida e educa e faz aprender a condição de filho, sobrinho, neto, as relações de parentescos e em comunidades. A benção proporciona sentimentos de pertença, que são construtivos da nossa ancestralidade e da formação da nossa identidade. A benção é um cumprimento, uma saudação que ensina sobre o respeito, a tratar o outro com consideração, com deferência, ensina sobre valores que instituem e produzem vínculos socioculturais, referenciais educacionais que são constituídos pelos sujeitos em interação com os diversos grupos e segmentos da sociedade.

O Babalorixá Nilton ty Ossain nos relata que no Candomblé, a benção é uma questão de hierarquia aos nossos mais velhos, que vem dos nossos ancestrais, pois quando você diz benção meu pai, benção minha mãe, você está reverenciando o próprio Orixá. Não é só uma questão de respeito ao ser humano, mas também ao Orixá, ao inquice ou vodum que ele carrega na cabeça e aos nossos ancestrais. Na questão da benção nós crescemos dentro do próprio terreiro e em outros terreiros, pois além do respeito, trocamos energias nos terreiros que nos recebem, além da hierarquia o respeito aos Orixás daquele terreiro também.

A benção é obrigatória entre os filhos e irmãos do candomblé, em qualquer lugar onde estejam sem distinção nenhuma. Não há diferença entre cor, classe, condições financeiras, todos tomam benção, porque a benção não é para nós e sim para o próprio Orixá que nos abençoa e nos faz receber grandes graças com esta benção. Portanto, *Motumbá, Kolofé, Mukuiu, Cruzandioiá, Oxalábatolofé, Oxalámossefuó, Oxalábeobeotum* (Babalorixá Nilton ty Ossain).

A benção tomada aos mais velhos e no plano espiritual representa um pedido de acolhimento, de proteção divina, um ato de religação, interdependente e complementar, ou seja, quem pede a benção quer ser abençoado. Abençoado em nome da crença, da ancestralidade ou divindade evocada que abençoa.

Segundo as pessoas que procuram as rezas de Tia Quinha, eles saem abençoados pelas curas que é realizado em seu corpo atingindo a dimensão material e espiritual. Dessa forma o fenômeno das rezas não é algo estático, nem distante de uma concepção cultural, uma vez que ser rezadeira não se aprende em um banco escolar, mas na tradição familiar, priorizando os ensinamentos dos mais velhos e valorizando a oralidade, composta de diversos significados e simbolismos, referendando as possíveis relações entre história e cultura. Então podemos afirmar

que, ofício de rezadeira tem sua perpetuação por meio da oralidade e o que impressiona é que até hoje a oralidade é o primeiro meio de transmissão da prática.

Segundo Hampaté Bâ apud Joseph Ki-Zerbo (2005)

A tradição oral africana, com efeito, não se limita a histórias e lendas, ou mesmo a relatos mitológicos ou históricos, e os griots estão longe de ser seus únicos guardiões e transmissores qualificados. A tradição oral é a grande escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer Caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados” (HAMPATÉ BÂ apud JOSEPH KI-ZERBO, 2005, p. 1)

Quanto a afirmação que a tradição oral é a grande escola da vida contamos sempre com depoimentos dos indivíduos que compõem o grupo que procuram as curas de Tia Quinha através das rezas, que contam suas experiências individuais vividas, decorrentes da realidade social em que o ator está imerso, realidade que se apresenta sob forma de família, vizinhança, o bairro, categoria profissional, classe social. É necessário deixar que esses indivíduos falem sobre o ofício desempenhado pelas rezadeiras.

A partir de diálogos estabelecidos com as fontes, os questionamentos ganham significados. A coleta de depoimentos (fontes orais), entre os sujeitos investigados, neste caso, as pessoas atendidas por Tia Quinha e a própria rezadeira em questão, constitui principal veículo facilitador da pesquisa.

A história oral, possibilitou dar voz aos excluídos (mulheres, negros, pobres, anciões), trabalhando com temáticas da vida cotidiana, pois a autonomia concedida às fontes orais possibilita entendê-las não mais enquanto complementos porém, como fontes e objetos de análises substanciais.

É justamente na memória desses sujeitos que se encontram experiências acumuladas de suas vidas, pois é no próprio universo da benzeção que a fala constitui o principal veículo responsável em resguardar tradições e ensinamentos para as gerações futuras. Assim, preservar as tradições, implica em valorizar aqueles que, por tempo e vivência, tem muito a relatar de suas memórias: os anciões.

Nesse contexto, o instrumento de coleta de dados a priori foram entrevistas compostas por perguntas abertas como um roteiro em anexo. Segundo Gil (2008), pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção de dados que

interessam a investigação. A entrevista é portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

A entrevista é muito eficaz na busca acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões das coisas precedentes. Segundo Oliveira (2008) as entrevistas semi-estruturadas ficam entre os extremos das estruturadas e não estruturadas, onde o pesquisador pode acrescentar perguntas não previstas, dependendo das respostas livres dos entrevistados.

A pesquisa em nenhum momento descolará do aporte bibliográfico direcionado a temática, pois será ele que dará subsídios para consolidação e edificação das argumentações sobre a realidade que será discutida. Os componentes da pesquisa autorizaram a utilização de nomes reais e ainda foi concedida um termo de consentimento via documento.

As entrevistas foram realizadas no período de julho de 2014 a setembro de 2018, com o apoio de roteiro com questões que versavam sobre o conforto e a sensação da cura após reza de Tia Quinha, dentre estes foram escolhidos treze depoimentos com perfis de 24 a 84 anos, residentes de área urbana e rural de Santo Antonio de Jesus, com atividades profissionais diferenciadas: trabalhadores rurais, professores, comerciante, promotor de justiça, pedreiros, eletricitas, administradores, funcionários públicos além de estudantes, donas de casa e aposentados.

Considera-se nesta pesquisa, que as vivências tiveram grande importância, vista a convivência dos pesquisadores com estas práticas religiosas. Foram empreendidas pesquisas em fontes bibliográficas e eletrônicas, também foram capturadas imagens que contribuiriam para percepção do tema.

Nesse momento entenderemos como os indivíduos que foram beneficiados pelas rezas de Tia Quinha falam sobre ela e compreenderemos por meio da fala dos mesmos quais os motivos os levaram a procurar a reza como forma de cura para tratar de suas mazelas sejam elas, físicas, psicológicas e espirituais.

Armeline Santos Oliveira (D. Milú), 84 anos (in memoriam), nos concedeu esta entrevista em 2014. Sobrinha da rezadeira em questão, fala com grande entusiasmo da mesma.

“Dindinho Antonio José, teve duas filhas com minha avó Apolinária(negra, alta, cintura fina, cadeiras largas), então esse relacionamento não foi aceito pela família, pois vovó era negra, e trabalhava na fazenda, empregada.

Dindinho era um português branco, olhos claros, azuis como uma gude, com uma barba comprida e rala, que nós brincávamos alisando sua barba. Das terras ele deixou aquele pedaço que tia Quinha mora até hoje, para suas duas filhas “Clementina e Naziazena” (tia laiá). Não podendo contrariar a família e não querendo também, pegou um outro negro empregado da fazenda e fez o casamento com Apolinária. Dessa junção de Apolinária com Lucas nasceu 05(cinco) tios e dentre eles Tia Quinha, mulher forte, cheia de luz e de Deus. Rezadeira que cura. Também tinha tia Joana, que também rezava. Herdaram o ofício de vovó Apolinária, chamada de NÊGA DA COSTA: A REZA. Já Dindinho Luca trabalhava a lavoura e uma das manias dele era chegar do trabalho e sentar junto ao fogão de lenha para esquentar o corpo até a hora de dormir. Pela manhã quando acordava sentava de novo junto do fogão de lenha até a hora de trabalhar. Tão silencioso, tão quieto que o aspecto dele era de preguiçoso. Porém era um trabalhador forte, vencendo o dia a dia no seu trabalho duro e árduo.³⁰

D. Milú, continua sua fala com entusiasmo e saudades, ora rindo, ora chorando, emocionada com suas lembranças.

Dindinho Antonio José então casou com dindinha Antonia. Por isso minha família é misturada, pois mamãe e Tia laiá, ficou mulata clara, Tia Quinha e os irmãos todos ficaram com a pele bem negra, e os meus tios do casamento de Dindinho Antonio José com Dindinha Antonia, meus tios são branquelos, amarelos, dos cabelos escorridos (risos). Quando mamãe e tia laiá casaram, Vó Apolinária pediu que não tirasse a terra dos filhos dela com Luca, pois não tendo elas necessidades, deixasse as terras para os irmãos. O mesmo pedido foi feito por dindinho Antonio José, que foi acatado, pois tinha Quinha permanece nessas terras até hoje. Eram tão pobres e vó Apolinária sempre dizia aos filhos que eles iriam comer “as graças de Deus com tomate”. Toda semana mamãe fazia uma mutuquinha com alimentos e mandava a gente levar. Quando a gente chegava ela falava alto: “Tá vendo meus fio? Quando Deus quando se atrasa está calçando as alpercintas. Já tem comida meus fio...”³¹

No relato é demonstrado que D. Milú, é conhecedora da história familiar da protagonista por ter um parentesco de primeiro grau. Ela é sobrinha, filha de Clementina e neta de Apolinária sendo desta forma sobrinha dos filhos de Apolinária com Luca, de Apolinária com Antonio José e de Antonio José com Antonia. Assim tendo informações íntimas sobre a pobreza e a falta de alimentação adequada vivenciada pela família de Tia Quinha. Sabia discernir muito bem acerca das rezas praticadas por Apolinária e herdadas por Tia Quinha

Tia Quinha, começou a rezar muito cedo, muito amorosa com os sobrinhos, era a nossa tia preferida. Cuidou de vó Apolinária que descendo a ladeira caiu

³⁰ Entrevista realizada na Cidade de Santo Antonio de Jesus/dezembro 2014

³¹ Entrevista realizada na Cidade de Santo Antonio de Jesus/dezembro 2014

e quebrou a bacia, então minha velha feiticeira, meu exemplo de vida, minha inspiração de vida ficou acamada até morrer. Ela cuidou também de dindinho Luca que ficou de cama dois anos antes de morrer e cuidou desde sempre de sua irmã Sabrina que tinha deficiência física (não andava). Mulher forte e guerreira, cortava de machado, limpava roça com enxada, raspava mandioca e torrava farinha uma semana inteira, destocava pastos e cuidava de sua criação de bichos: porcos galinhas e ainda tinha seu tempo de rezar quem a procurava. Apolinária era uma mulher sábia, exemplo de vida, sabia o que fazia e o que queria. Tinha domínio de tudo só no olhar e Titia Quinha herdou isso com maestria. (DONA MILÚ. Entrevista.)³²

Quando a entrevistada fala que sua avó Apolinária era chamada de nega da costa, buscamos então dialogar com Maria Inês Cortes em seu artigo “ Quem eram os Negros da Guiné?”, para entender melhor esse denominação dada a mãe de Tia Quinha a qual se dizia ser filha de escravos vindo da África. Segundo Maria Inês Cortes nos primeiros tempos do tráfico de escravos a Guiné para os portugueses teria se restringido ao litoral da Costa ocidental africana, que tinha como centro comercial a feitoria de Cachéu, subordinada a Ilha de Cabo Verde. Entretanto a medida que a expansão do comércio português avançou para o sul, o termo passou a ser também utilizado para designar as partes do litoral então conhecidas como Costa da Pimenta, Costa do Marfim, Costa do Ouro e Costa dos Escravos. Assim toda África Ocidental ao norte do Equador, do Rio Senegal ao Gabão, era conhecida então como Guiné. Acreditamos assim, que por causa do embarque dos escravos no litoral africano, para o Brasil, alguns deles eram chamados aqui de negros da costa, justificando assim a denominação dada a Apolinária “Nega da Costa”, devido aos seus ancestrais vindo da África”.

O autor Roberto Cardoso de Oliveira(2000), nos mostra o quanto é importante nos atentarmos a treinar o nosso olhar diante do ambiente ao qual estamos inseridos e pesquisando; domesticar o olhar de forma teórica e não teórica, transformando assim em um olhar etnográfico. Ouvir está correlacionado com o olhar, o saber ouvir torna-se essencial, assim como o saber se comunicar com o pesquisado. Assim o pesquisador e pesquisado devem ter a percepção de interação no campo e criar o “diálogo entre iguais”. Assim sendo é de fundamental importância conhecer o campo ao qual se adentrará para fazer a pesquisa, colher os depoimentos, pois é o conhecendo que também pode se entender a dinâmica que rege a vida das pessoas que lá vivem. Conversando com os entrevistados ficamos sabendo a opinião deles sobre Tia Quinha, colhendo informações a respeito da mesma enquanto rezadeira.

³² Entrevista realizada na Cidade de Santo Antonio de Jesus/dezembro 2014

Desta forma apresentaremos alguns depoimentos que permitiram conhecer o universo da rezadeira em questão, levando a uma reflexão relevante dentro do trabalho realizado por ela. Foram vários entrevistados com profissões e idades diferenciadas, porém podemos notar que tiveram o mesmo sentimento em relação a ação benéfica da reza de tia Quinha sobre eles. Sendo assim, Edson de Jesus Queiroz, 28 anos, administrador de empresa comenta.

“Tia Quinha é incrível. Uma figura mil. Eu não estava bem, corpo doendo e parecendo que tudo estava desabando. Pedi a José que me levasse a uma rezadeira e ganhei um presente pois é uma velha que encanta. A força que a gente vê em Tia Quinha já nos deixa bem. Depois que ela me rezou de “mau olhado” fiquei bem e tudo em minha vida mudou, andou em relação a emprego, saúde, vida. (EDSON QUEIROZ. Entrevista)³³

O consulente demonstra um grande encantamento pela pessoa e pelos feitos de Tia Quinha, comprovando a veracidade da cura e os benefícios recebidos na vida pessoal e na vida profissional.

No processo de reza há primeiramente a comunicação, a medida que as rezadeiras vão desempenhando o ofício e em meio aquele cenário. O consulente Antonio Braúlio Jesus Santos, 56 anos- Eletricista automotivo, vai percebendo a presença do sagrado, tendo sensações únicas e íntimas, onde se passa a ter não só a presença do sagrado e sim a personificação do mesmo por meio de quem está abençoando e retirando as enfermidades do doente. Desta forma, nos conta emocionado a sensação de conforto que teve, no encontro com tia Quinha

“ Ave Maria, falar de Tia Quinha... depois que ela me rezou de olhado fiquei bom e tudo mudou. Nunca mais parei de trabalhar e quando vou desanimando penso nela e tudo melhora, pois penso na força, na mão daquela mulher em mim. Minhas dores, minha agonia, meu desanimo, tudo ruim que estava em mim foi embora.” (BRAULIO-Entrevista)³⁴

Já o pedreiro Genivaldo Conceição, 54 anos, nos conta emocionado da visita casual que teve com Tia Quinha, e a toda hora que explica dos seus benefícios chora e se arrepia. Tem a presença de Tia Quinha em sua vida como um presente de Deus

³³ Entrevista realizada na Zona Rural denominada Rio da Dona/abril 2016

³⁴ Entrevista realizada na Zona Rural denominada Rio da Dona/maio 2016

“Privilégio de poucos conhecer Tia Quinha. Quando cheguei em sua casa, que vi aquela mulher de 106 anos, sentada com as pernas cruzadas, com aquele cachimbo na boca, foi uma sensação diferente, me arrepiei todo. Me sentir bem, eu estava desanimado, fiquei imaginando aquela senhorinha morando naquele lugar... quando a vi comendo pirão de abóbora com um pedaço de carne de sertão com toucinho, depois de ter tomado uma dose de cachaça, minha emoção e crença aumentou mais ainda. Parei e fiquei olhando ela enfiar linha naquela agulha tão fina sem dificuldades nenhuma e costurando uma calça, acendendo fogo e cortando lenha com a pressão arterial de 12x 8, foi incrível. Respeito tem que se dar a uma mulher dessa... ela me rezou de olhado e eu que estava sem trabalho, quando retornei pra minha casa, tinha já três pessoas querendo meu serviço. Tia Quinha é uma pessoa cem por cento de Deus e quem não conhece vá conhecer enquanto é tempo. Uma mulher com mais de cem anos... uma rezadeira de verdade”. (DINGO -Entrevista)³⁵

O consulente descreve sua cena de chegada à casa de Tia Quinha, detalhando o que viu e o que sentiu, tratando com respeito e admiração os atos de cura e as graças pessoais que foram alcançadas. O mesmo ainda exalta a rezadeira dizendo “Tia Quinha é mulher de Deus”.

Cláudio Luiz Galvão Malta, 53 anos, Promotor de Justiça, fala do encanto, da pobreza material e da riqueza espiritual de Tia Quinha, emocionado e fazendo uma correlação de sua vida cheia de poderes materiais com os de Tia Quinha cheia de poderes espirituais e de seu saber através dos livros e a sabedoria de Tia Quinha através da vivência, experiência e espiritualidade.

“Nunca imaginei que com tantos anos de estudo iria me sentir tão insignificante diante de um ser com uma sabedoria tamanha. Ficaria horas e horas ouvindo Tia Quinha falar... sua reza, suas palavras, que ser iluminado. Ela me rezou de ar do vento e olhado e a sensação é que eu estava mudando de plano astral. Me sentia em transe como se algo estivesse revolucinando dentro de mim. Senti uma vontade enorme de chorar e meu corpo começou a tremer. Além da reza, o que ela me disse me acordou e eu pude ver o quanto as vezes sou ruim. Observei o quanto uma senhora em uma casa tão menor que meu quarto, é grande, é sábia, é uma figura imponente. Suas rezas tem força e seu corpo franzino também. Ela é incrível, uma mulher pra ser lembrada sempre.” (CLAUDIO MALTA-Entrevista)

Nota-se neste depoimento que o consulente sai do comodismo da sua vida real e se filtra conhecendo um pouco sobre o mundo de Tia Quinha, se encantando com a situação, fazendo comparação com admiração da aquisição dos saberes populares e

³⁵ Entrevista realizada na Zona Rural denominada Rio da Dona/maio 2016

os saberes acadêmicos, da riqueza financeira e da riqueza espiritual. Enfim admitindo que Tia Quinha é uma mulher sábia.

Quanto ao encontro de Robson de Jesus Souza, 25 anos- Estudante de direito, com Tia Quinha, resume na vontade de correr para o seu colo e de seu abraço. A força das palavras e das rezas

“Falar de Tia Quinha é fácil, porque ela é única. Ela me rezou de ar do vento e tudo o que estava sentindo passou. Sinto-me alegre só de querer vê-la. O abraço dela já nos abençoa, nos reza, nos fortalece.” (ROBSON-Entrevista)³⁶

Luma Cecília Oliveira Bispo, 23 anos, Bacharel em Ciências Sociais, fala de Tia Quinha como mulher, rezadeira, feminina e feminista. Admira Tia Quinha como mulher além do seu tempo, que se posicionou diante da sociedade, da vida, como guerreira, marcando seu lugar perante a sociedade de mulher negra, independente, na busca de um objetivo único: saber viver, fazer, e se afirmar como filha de Deus.

“Tia Quinha é uma mulher além de seu tempo. Ela cura realmente com sua reza. Já me rezou de olhado e parto quebrado e dor de cabeça. Reza meu filho de mau olhado. Toda vez que vou falar com ela fico bem. Porém ela é uma criatura prá se sentar, falar, ouvir, abraçar... uma força tão grande que a gente se sente aconchegada, compreendida, curada, bem... uma mulher secular, de Deus, cercada de forças invisíveis curadoras. Uma pessoa com um potencial curativo tão grande que seus gestos, seu olhar, seu sorriso antes de nos passar o ramo já nos cura. Tia Quinha pra senhora todo meu respeito(LUMA-Entrevista)³⁷

Através deste depoimento e segundo Jaime Sodré (2010), compreendemos que: a ancestralidade é nossa vida de identidade histórica, sem ela, não sabemos o que somos, e nunca saberemos o que queremos ser. As pessoas de quem se descende mais nossos antepassados do ponto de vista de uma linguagem biológica num campo individualizado. Assim, a ancestralidade atuará no campo da memória individual ou coletiva.

Adelino Sampaio, 62 anos- Comerciante, é morador da zona rural, vizinho das terras de Tia Quinha, afirma e demonstra em seu discurso que só procura um médico quando não pode solucionar os problemas com Tia Quinha, pois com ela busca a cura

³⁶ Entrevista realizada na Zona Rural denominada Rio da Dona/junho 2016

³⁷ Entrevista realizada na Cidade de Santo Antonio de Jesus/junho 2016

das doenças que porventura vir acontecer em sua família A confiança e a fé é que o move e a crença nas rezas de tia Quinha o conforta e o torna mais forte, diante das mazelas que a vida sempre dispõe.

“Basta ficar diferente e sentir que vou ficar doente, procuro logo Dona Quinha. É a melhor rezadeira que tive na vida. A melhor da redondeza. Não vou em médico, qualquer diferença que sinto procuro logo por ela. Hoje estou com 62 anos e desde novo eu e meu quatro irmãos sempre ia rezar com ela. Quando mamãe adoeceu a gente foi buscar ela e mamãe melhorou, mais ficou com seqüela pois primeiro a gente levou no médico... na hora que ela adoeceu levaram ela logo para o hospital. Mais de sua casa Dona Quinha rezava mamãe no hospital e quando trouxemos mamãe para casa, foi rezada duas ou três vezes. Igual a Dona Quinha não tem rezadeira aqui não.” (ADELINO-Entrevista)³⁸

No quadro da cura existe a confiança inabalável de Aloísio de Almeida Santos Junior, 28 anos, Instrutor de Transito, com Tia Quinha. Afirma o poder de sua cura através das rezas, e da força que Tia Quinha apresenta, diante dos que lhe procura

“A reza de Tia Quinha cura qualquer pessoa que acredita. Ela me rezou de espinhela caída, olhado e ar do vento e tudo o que estava sentindo passou, fiquei bom. Não deixo Tia Quinha por nada. Ela reza minha filha de dez meses também.” (JÚNIOR -Entrevista)³⁹

Tereza de Jesus Peixoto Santos, 58 anos, Professora, fala de sua relação com tia Quinha e nos confessa que desde muito nova sempre foi levada pela mãe e irmãos para ser rezada por Tia Quinha.

“Tia Quinha é uma rezadeira de mão cheia. Só me rezo í, pois ela é boa, boa, boa... não tenho do que me queixar. Quando estou doente corro prá lá, e se ela disser que preciso ir ao médico eu vou. Mais só depois que ela me diz. Todas as vezes que procurei Tia Quinha eu fui socorrida, curada com suas rezas”.(TEREZA -Entrevista)⁴⁰

Segundo Antonio Carlos Conceição Souza, 47 anos- Professor/Mestre em História, que conheceu Tia Quinha em uma visita que fez com seu irmão, fala da força da mulher espiritualizada, reconhecendo sua ligação espiritual com a religião

³⁸ Entrevista realizada na Cidade de Santo Antonio de Jesus/junho 2016

³⁹ Entrevista realizada na Zona Rural denominada Rio da Dona/junho 2016

⁴⁰ Entrevista realizada na Zona Rural denominada Rio da Dona/julho 2016

ameríndia e de matriz africana, quando em seu discurso cita a relação da mesma com a ancestralidade

“Mulher de força, de poder, que vem com o poder ancestral de cura nas mãos, nas palavras, nos gestos. Uma mãe das forças da natureza...mulher das folhas, das águas, do dendê... mulher centenária incrível, que quase me tomba só no olhar. Suas rezas são verdadeiras bênçãos. Tia Quinha é uma mulher pra gente ver e estar junto dela para aprender. Mulher secular, cheia de axé, de segredos, de vivência, de sabedoria. Mulher de todas as águas, de todas as roças, de todos os matos, escondida num corpo frágil, atrás de um cachimbo. Mulher da gamela... a ela minha benção. Benção a mulher da cura, benção a mulher secular, benção a Tia Quinha, mulher verdadeira e para mim rezadeira única que mantém viva as tradições e costumes deixados pelos seus ancestrais. E como costuma se dizer: antiguidade é posto.”(ANTONIO -Entrevista)⁴¹

O depoente enfatiza bem a ancestralidade que permeia Tia Quinha. Fala como um conhecedor da religião de matriz africana correlacionando tradições, costumes e espiritualidade, quando se reporta para as forças da natureza e as bênçãos. Exaltando a importância de Tia Quinha como mulher secular detentora de saberes e prestigiando sua trajetória, pois a mesma consegue trazer aprendizagens antigas enriquecendo conhecimentos presentes.

José Raimundo Conceição Souza, 50 anos- ajudante/lavrador, fala da mulher cheio de essências, corajosa e espiritualizada.

“Mulher maravilhosa, especial, mulher de muitos encantos e sabedoria e que tem muito a oferecer. As rezas que ela faz são bênçãos de Deus. Me sinto reforçado, cheio de energias. Quando a vejo, peço sua benção, sinto o calor do seu abraço e mais energizado ainda. Quando ela me reza saio de lá em paz, me sentindo curado e empaz e com alma leve.”(JOSÉ RAIMUNDO - Entrevista)⁴²

A benção tomada aos mais velhos, no plano espiritual representa um pedido de acolhimento, de proteção divina. Quem pede a benção quer ser abençoado em nome da crença, da ancestralidade ou divindade evocada que abençoa. O elo mítico poderoso funde-se a voz sussurrada da rezadeira e a cadeia simbólica e imagética presente no verbo invade o ambiente, então o poder da cura configura-se e a benção

⁴¹ Entrevista realizada na Zona Rural denominada Rio da Dona/setembro 2016

⁴² Entrevista realizada na Zona Rural denominada Rio da Dona/setembro 2018

se concretiza. Dessa forma quem pede a benção e quem abençoa são beneficiados pelo poder divino.

Aloísio de Almeida Santos, 59 anos, lavrador de Santo Antonio de Jesus, relata que sempre que não está bem, procura cura pelas rezas de Tia Quinha. É um frequentador assíduo da casa, além de sempre levar pessoas para que sejam curadas pelas rezas de Tia Quinha.

“Pessoa multidiferenciada, apesar da idade e o que ela faz, não é só conhecida prá gente, como a região e fora da região ela também é conhecida de forma diferenciada. E neste local, só ela que tem prá fazer o que faz, além da sabedoria e força que ela tem. Quando a gente se aproxima de Tia Quinha nos sentimos forte...o abraço... o falar dela “Deus te acompanhe” ,nos fortalece e é diferenciado. Já levei pessoas para ela rezar e fora o médico, só uma pessoa sábia como ela para restaurar nossa saúde. Além de tudo sua benção é saúde, é paz, é cura.”(ALOÍSIO-Entrevista)⁴³

Nilton ty Ossaim, Babalorixá do Ilê Axé Ewe Ewe Lafé, única casa de Ossain aqui na Bahia, também sacerdote das folhas que cura, faz seu depoimento para Tia Quinha, mostrando o valor das suas rezas, da força da mulher negra, da resistência e sabedoria ancestral

Falar de Tia Quinha é viver uma mulher de luta, de resistência, uma mulher de 108 anos que continua forte, na luta, onde eu diria prá, Tia Quinha: vida longa, mulher de grande sabedoria, uma das grandes rezadeiras que temos nessa região, em Santo Antonio de Jesus. Não só em Santo Antonio de Jesus como em outros lugares também, pois, ela é muito procurada por todos. Tem o dom da cura pelas folhas...uma mulher que todos que vão a casa dela, precisando dos seus serviços, ela está ali, com as ervas, com as folhas, rezando...o que hoje não achamos mais. Infelizmente santo Antonio de Jesus, só tem Tia Quinha que é uma grande rezadeira, uma grande mulher, uma negra descendente de africano que não abandonou suas raízes, suas origens. Tia Quinha hoje é referência prá qualquer ser humano, prá qualquer pessoa, é um espelho vivo da vida, do caminho, da renovação e principalmente uma mulher que você chega a casa dela, você não vê ela triste, você não vê ela com problemas, você não vê ela chorando, só alegre e aquele sorriso nos encanta, aquele sorriso nos motiva. Vê aquela senhora de 108 anos, lutadora, pegando no cabo da enxada, cozinhando, lavando, passando, costurando, arrumando e sempre forte e firme, sem sentir uma dor no joelho, nem uma dor no pé. Então para Tia Quinha, todos os méritos, todas as honrarias, como mulher negra, como mãe, como avó, como uma sacerdotisa também, pois para nós ela é uma sacerdotisa do Candomblé dentro da religião, com outros métodos das folhas, principalmente com as folhas da cura. Quem chegou na casa de Tia Quinha e não saiu de lá curado? Com as folhas, com chás, com as fusões que ela faz com as folhas? Então

⁴³ Entrevista realizada na Zona Rural denominada Rio da Dona/setembro 2018

prá Tia Quinha todos os méritos e paó prá ela.”(BABALORIXÁ NILTON TY OSSAIN-Entrevista)⁴⁴

Portanto são vários os motivos que levam as pessoas a procurarem uma rezadeira: pode ser por curiosidade, por necessidade, dentre outros motivos. O que não se pode negar, entretanto, é que depois que somos rezados e de certa forma enfeitiçados pela magia da reza, passamos a contar sempre com uma rezadeira para pedir conselhos, auxílio, indicação de remédios caseiros e a benção da cura. Essas “guardiãs do segredo”, se tornam agora guardiãs de cada indivíduo que as procura; nasce de um encontro ou dois, uma relação mútua de confiança... As pessoas que já foram rezadas ou, ainda, que conviveram com alguma rezadeira, sabem da importância do trabalho desenvolvido por essas anciãs e donas de uma fonte inesgotável de sabedoria.

⁴⁴ Entrevista realizada na Zona Rural denominada Rio da Dona/setembro 2018

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo pesquisadores, cerca de dois milhões de negros foram trazidos de vários pontos da costa africana para Bahia entre os séculos XVI e XIX- e aqui, na condição de escravos fizeram de tudo: desde o trabalho doméstico ao plantio; do transporte e construção das ricas igrejas, aos ofícios e o fazer diário. O legado africano não está somente na cor da pele de nossa gente. Está na alma e em todo fazer humano de um povo miscigenado e único; nas crenças sincréticas, nos patuás e contas penduradas no pescoço; nos santos dos altares e nos símbolos sagrados religiosos, dos caboclos e encantados das matas, divindades católicas, judias e mulçumanas, orixás, inquices e voduns vindos de vários pontos da África.

Assim, buscou-se fazer da trajetória de vida e de cura de Tia Quinha, como mulher negra pois sabemos que as mulheres desempenharam(am) na história papéis de considerável importância, mesmo quando ainda restrito ao espaço doméstico, como reprodutora e zeladora familiar. Conquistaram com dificuldades seu espaço na sociedade e hoje exerce diversas profissões. Hoje também são dirigentes em diversos setores, chefiando famílias e vários departamentos em trabalhos diversificados. Tia Quinha mulher negra, vem atuando como corpo político de enunciação, formadora de opinião, produzindo conhecimentos a partir de diferentes experiências, vivências, narrativas e contextos. Conhecimentos e saberes que revelam a importância dos processos de resistência empreendidas contra violações vivenciadas ao longo da sua história. Tia Quinha foi e é protagonista no lugar onde mora; uma produtora de conhecimento; é um ser reconhecido falando sua própria história, quebrando esse domínio masculino e como rezadeira, uma possibilidade de reflexão sobre o estabelecimento das práticas reformuladas pela população negra, indígena e mestiça. No caso do Recôncavo, essas práticas exercidas no Nordeste do Brasil, em espaço de confluência das matrizes culturais e religiosas diversas: europeias, africanas e indígenas. Essa concepção de curar continua fazendo parte da cultura popular. As rezas, as palavras utilizadas e os procedimentos realizados pelas rezadeiras não seguem padrão único, foram trabalhadas as estratégias encontradas pelos conhecedores da cura para manter e legitimar seus rituais que compõem a atmosfera religiosa da população do Recôncavo baiano.

A rezadeira conhece rezas, remédios e simpatias, práticas muito antigas e por meio destes mecanismos trabalha no sentido de promover a cura de pessoas que sofrem de algum mal, prevenindo e resguardando a saúde, muitas vezes num movimento alternativo à procura de médicos e tornando-se verdadeiras zeladoras da saúde dos moradores, a partir do princípio da eficácia, em busca da cura.

Deixa-se claro que, rezadeiras e benzedadeiras fizeram as vezes da ciência quando a única medicina a que se tinha acesso era a de rezador. Detectou-se que a variedade das rezas é ampla e toda rezadeira tem uma lista de rezas e recomendações para os vários tipos de males. Elas aparecem sempre como intermediárias, pois evocam sempre os santos de devoção católica. Elas fazem questão de se afirmar como católicas e deixar claro que a reza não é um serviço; não admitem receber pagamentos pelo ato de rezar.

O papel de liderança das rezadeiras e a respeitabilidade para com elas não são os únicos aspectos que este trabalho aponta. A historicidade do tema conduz a reivindicar que ocupem seu espaço na historiografia local e regional. Sabemos que, há muitas mulheres que não se deixaram subalternizar e que romperam com os papéis a elas atribuídos segundo os padrões da sua respectiva cultura, independentemente de sua classe social adentraram no mundo do trabalho. Este é um dos pontos latentes da vida de mulher negra e rezadeira de Tia Quinha que se tornou liderança religiosa e espiritual na localidade onde mora.

Desta forma a medida que existe a caracterização de um grupo em virtude de uma pertença de atitudes, valores e práticas culturais, possibilitando localizar os indivíduos diante da comunidade, tem-se a formação de uma identidade coletiva e, em consequência o conjunto de conhecimentos pertencente a esse grupo, favorece a localização territorial do espaço dos saberes. Os recortes da memória coletiva (quando se afirma que antigamente se rezava mais) e das relações cotidianas entre os sujeitos desta comunidade formam uma trama de saberes mágicos constituídos a partir da reelaboração de discursos e de práticas. Ora modificados, ora preservados, esses discursos e práticas são essências de uma memória coletiva, que é reavivada sempre que as rezas são reatualizadas, enfim a cada sessão dessas benzedadeiras

A crença no saber e nas palavras foi sendo elaborado ao longo do tempo a partir da transmissão de tradições, conhecimentos e práticas repletas de discurso e sentidos próprios. Apontou-se também um tema atual porque os procedimentos das rezadeiras não ficaram no passado, sendo renovados, modificados e reconstruídos

com o tempo. Pois a verdadeira rezadeira, benzedeira é aquela que, diante de quem a busca, dá o testemunho da sua fé. Ela benze, atua curando através da sua oração, diante da outra pessoa que a busca porque crê. As práticas de cura tratadas e problematizadas aqui dizem respeito aos saberes transmitidos na oralidade através de gerações e que, por vezes, podem ser reforçados pela interseção de um banho com ervas ou com a utilização de outros materiais.

Quando a rezadeira é procurada pelas pessoas que estão precisando de uma solução para as enfermidades, mostra que o caráter de coletividade da sabedoria da cura se faz presente entre a população. Essa dimensão coletiva, além de incluir o ideal de fazer caridade, também se faz presente no longo processo de acúmulo dos conhecimentos das plantas, orações e receitas medicinais necessárias para a realização das rezas. Por mais que as rezadeiras encarem o dom como uma clarividência divina e particular, o processo de conhecimento e aprendizagem das rezas traz em sua operacionalização a perspectiva da partilha de saberes, transmitidos de mestres para discípulos, fazendo parte do conjunto de ancestralidades transmitidas e utilizadas por gerações.

A reza não implica apenas no conhecimento das orações, requer a sabedoria da força das palavras, das plantas capazes de afastar o mal, receitas medicinais para complementar o ritual da cura.

Conhecer a funcionalidade de orações, gestos e ervas visou a contribuir para legitimar a execução das atividades grupais das rezadeiras. As práticas culturais das benzedadeiras podem ser consideradas como patrimônio cultural intangível, empregado, como sinônimo de herança cultural. Os saberes presentes na benzeção compreendem um território de identidade que permite visualizar as experiências dessas populações, reconstruindo e (res) significando o conhecimento.

Finalizamos o seguinte trabalho reconhecendo quanto é complexo o mundo da reza bem como o das rezadeiras. Essa prática cultural é rica em especificidades que merecem atenção e reflexões. Entendemos que a presente pesquisa não abarcou todas as temáticas existentes dentro da reza, a exemplo das relações de gênero que permeia o ofício, da diversidade religiosa dentro da reza. Aspectos que merecem um estudo mais apurado. O universo do benzimento é muito amplo, rico, e os estudos e questões suscitadas a partir dele têm muito a contribuir para o entendimento da cultura e da religiosidade popular.

REFERÊNCIAS

FONTES ORAIS:

ESPÍRITO SANTO, Maria (Tia Quinha) (108 anos de idade, rezadeira e trabalhadora rural, residente no Rio da Dona, Santo Antônio de Jesus, BA). Entrevistas concedidas a Maria Assunção Santos Oliveira. Santo Antônio de Jesus, 10 jul. 2014, 15 e 16 ago. 2014, 5 e 6 jan. 2015, e 20 set. 2015. Ago, set, out 2016

Armeline Santos Oliveira (D. Milú), 84 anos, ex-trabalhadora rural, residente na Avenida Luiz Viana, 248. Santo Antônio de Jesus, 2014. (in memoriam)

Vitalino dos Santos, 52 anos, trabalhador rural, residente no Rio da Dona. Santo Antônio de Jesus, 2014/2015/2016

Edson de Jesus Queiroz, 28 anos – Administrador de Empresa, residente na Av. Pedro Coni Neto nº 30 – Conceição do Almeida- Entrevistado em Julho de 2016

Antonio Braulio Jesus Santos, 56 anos- Eletricista Automotivo, residente na Rua Vereador João Silva, 1534 – Santo Antonio de Jesus- Entrevistado em Julho 2016

Genivaldo Conceição (Dingo), 54 anos- Pedreiro, residente na rua B, Alto da Colina- Jardim Popular- Conceição do Almeida – Entrevistado em Julho 2016

Cláudio Luiz Galvão Malta, 53 anos – Promotor de Justiça, residente no Condomínio Arvoredo – Santo Antonio de Jesus – Entrevistado em 15 de Agosto de 2016

Robson de Jesus Souza, 25 anos – Estudante de direito, residente na Rua Rufino Caldas, 18- Conceição do Almeida – Entrevistado em Agosto de 2016

Luma Cecília Oliveira Bispo, 23 anos- Bacharel em Ciências Sociais, residente na Avenida Luiz Viana, 248- Santo Antonio de Jesus – Entrevistada em Agosto de 2016

Adelino Sampaio, 62 anos – Comerciante, residente no Alto do Cruzeiro(Zona rural)- Laje – Entrevistado em Agosto de 2016

Aloísio dos Santos Junior, 28 anos – Instrutor de Trânsito, Residente na Fazenda Boa Vista(Zona rural) – Santo Antonio de Jesus – Entrevistado em Agosto de 2016

Tereza de Jesus Peixoto Santos, 58 anos – Professora, Residente na Fazenda Boa Vista (Zona rural) – Santo Antonio de Jesus – Entrevistada em Agosto de 2016

Antonio Carlos Conceição Souza, 47 anos – Professor, Mestre, Especialista em História e Cultura Afro brasileira: Metodologia e fundamentos, Residente na Rua da Acácias, Condomínio Alberico, 15 –Nazaré-Salvador-Entrevistado setembro 2016

José Raimundo Conceição Souza, 50 anos – Ajudante/lavrador, Residente no Loteamento Popular Rua B, nº 21 – Conceição do Almeida-Bahia-Entrevistado setembro 2018

Aloisio de Almeida Santos, 59 anos – Lavrador, Residente na Fazenda Boa Vista (Zona rural) – Santo Antonio de Jesus – Entrevistado em Setembro de 2018

Nilton de Ossain- Babalorixá do Ilê Axé Ewe Ewe Lafé- Santo Antonio deJesus- Entrevistado 2016/ 2017/ 2018

Pe. Marcos Alcântara-Pároco da cidade de Ubatã-Bahia-outubro 2018

FONTES RELATIVAS AO APÊNDICE:

MOREIRA,Douglas;LOPES Heber.**SAÚDE TOTAL-Guia prático de prevenção e tratamentos naturais**; Brasília-DF: Viver Saudável, 3ª Ed, **2013**.

SPETHMANN,Carlos Nascimento.**Medicina Alternativa de A a Z**; MG: Editora Natureza, 6ª Ed, **2003**.

A. BALBACH. **As Plantas Curam**; São Paulo: Editora M.V.P, 23ª Ed, **1965**

FONTES ICONOGRÁFICAS:

Fotografias capturadas nas visitas feitas à Tia Quinha.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS E ELETRÔNICAS:

BRASIL.IBGE. **Censopopulacional**. 2013. Disponível em< http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2013/tabelas_pdf/total_populacao_bahia.pdf> Acesso em: 4 abr. 2015.

BRAYNER , Natália Guerra. **Patrimônio cultural imaterial**: para saber mais.3. ed. Brasília, DF: Iphan, 2012.

CASCUDO, Luís Câmara. **Cultura e Sociedade**: Pesquisas e notas da Etnografia Geral. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.

CASCUDO, Luis Câmara. **Superstição no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1985.

DIEZ, A. G; FONTES, Á. C. **Segredos da Bahia**: história, 4º e 5º ano. São Paulo: FTD, 2011.

FALCÃO, Andréa. **Registro e políticas de salvaguarda para as culturas populares**. Série Encontros e Estudos. Vol. 6. Rio de. Janeiro: CNFCP/ Iphan, 2005.

FGV; CPDOC. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>>. Acesso em: 30 set.2014.

FLORES, Murilo. **A Identidade Cultural do Território como base de estratégias e desenvolvimento**: Uma visão do estado da arte. Disponível em:<camara.fecan.org.br/uploads/28/arquivos/4069_flores_m_identidade_territorial_como_base_as_estrategias_desenvolvimento.pdf>.Acesso em 21 dez 2016

GIL, Antônio Carlos.**Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas,2008.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa tipos fundamentais**. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995

HAMPATÉ BÂ, Amadeu. **A tradição viva**. In: Ki-Zerbo, Joseph (org.) História Geral da África. Metodologia e pré-história da África. Vol 1. São Paulo: Ática/UNESCO, 1982

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, José Carlos Sebe (Org.). **(Re) Introduzindo História Oral no Brasil**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996. (Série Eventos)

MEGALE,Nilza B. **O livro dos santos**: vidas e milagres de santos mais venerados no Brasil.Rio de Janeiro: Ediouro,2003.

MEIHY, J.C.S.B. **(Re)introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996. p.1-10.

MEIHY, J.C.S.B.; HOLANDA, F. **História oral**: Como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

NASCIMENTO, Manuela Santana. **"A lei deles é uma, a do povo é outra"**: experiência e impasses com o catolicismo vivido por rezadores em Santo Antônio de Jesus. Recôncavo Sul. Bahia (1940-1970). Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado da Bahia, Bahia, 2012.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo. In: **O Trabalho do Antropólogo: Olhar,Ouvir, Escrever**: 2.ed. / Roberto Cardoso de Oliveira. Brasília: Paralelo 15; São Paulo Editora UNESP, 200. 220 p.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa. **Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa**: tipos, técnicas e características. Revista travessia. Universidade Estadual do oeste do Paraná. vol. 2. N. 3, 2008.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é Benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985. PATRIMÔNIO histórico. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Patrim%C3%B4nio_hist%C3%B3rico>. Acesso em: 30 set. 2014.

PATRIMÔNIO. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Patrim%C3%B4nio>>. Acesso em: 30 set.2014.

PORTELLI, Alessandro..História Oral como gênero. In: Projeto História; São Paulo, n. 28,1995. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/>> Acesso em 30 set.2014.

PORTELLI, Alexandro. O que faz a História Oral diferente. **Revista Proj. História**. São Paulo, 14, p. 25-39, fev. 1997.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**:algumas reflexõessobre a ética na História Oral. In: PROJETO HISTÓRIA; São Paulo, n.15, 1997. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/>>. Acesso em 30 set. 2014.

QUEIROZ, Fernando Pinto de. **A Capela do Padre Matheus**. Feira de Santana: Sagra, 1995. (Disponível na Biblioteca da Universidade do Estado da Bahia/DCH-Campus V.)

SANTOS, Denilson Lessa. **Nas encruzilhadas da cura**: Crenças, Saberes e Diferentes Práticas Curativas. Santo Antônio de Jesus – Recôncavo Sul – Bahia (1940 – 1980). Dissertação de Mestrado. UFBA, Bahia, 2005.

SERRA, Ordep José Trindade. **O Mundo das Folhas**.01.ed.Salvador-Bahia: Universidade Federal da Bahia, 2002.V.01-273 p.

SODRÉ, Jaime. **Educaxé: Ancestralidade na perspectiva da educação**.Disponível em: <<http://mundoafro.atarde.uol.com.br/educaxe-ancestralidade-na-perspectiva-da-educacao/comment-page-1/2010>>. Acesso em19 nov 2016

SOBRE a ética na História Oral. In: PROJETO HISTÓRIA; São Paulo, n.15, 1997. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/>>. Acesso em: 30 set.2014.

THOMSON, Alistair. **Recompondo a memória**: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. In: PROJETO HISTÓRIA, São Paulo, n. 15. 1997.

THOMPSON , E.P. **Costumes em comum**: Estudos sobre a cultura popular e tradicional. São Paulo: Schwarcz, 1998.

THOMPSON, Paul Richard. **A voz do passado**: História Oral. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. 3. e.d. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

VALADÃO, Hélio. **Santo Antônio de Jesus, sua gente e suas origens**. Santo Antônio de Jesus. [Salvador]: Universidade do Estado da Bahia, 2005.

APÊNDICE A - ENFERMIDADES

Ar-do-vento – Nome dado à crença de que o ar contaminado por algum tipo de doença ou carga negativa pode provocar certos tipos de incômodo no corpo. Por exemplo, as benzedeiras informam que, pela manhã logo ao acordar, as pessoas devem ter o máximo de cuidado para não enfrentar a barreira de vento com o corpo quente. O ar-do-vento é chamado de choque térmico. “Arduvento” ou “vento passou”. Acredita-se quando o vento passa provoca o derrame – paralisias.

Brotoeja – Afecção cutânea eruptiva, frequente em crianças.

Benzeção – Rezas e orações oficiadas por uma benzedeira para combater certos males, sentidos por um indivíduo.

Cefaléia – Dor de cabeça; o mesmo que cefalalgia.

Cobreiro - Herpes zoster, doença decorrente da diminuição da imunidade. Também conhecido, como fogo selvagem, fogo de Santo Antônio. Caracteriza-se por dermatose, com vesículas elevadas sobre a pele. Parte da população do Recôncavo considera o cobreiro (erupção cutânea) decorrente da passagem sobre a pele de animais como aranha, sapos e animais peçonhentos.

Coceira – Sarna, escabiose.

Companhia caída – Inflamação nas amídalas. Mal que aflige a garganta, causando febre, falta de apetite dor de cabeça e rouquidão.

Congestão cerebral – A congestão é caracterizada pelo excesso de sangue no cérebro, podendo ser passageira ou duradoura. Dentre as possíveis causas da congestão cerebral, destacam-se: arteriosclerose, hipertensão arterial, insolação, permanência em lugar superaquecido, dentre outros. Sintomatologia: face vermelhada, olhos vermelhos, vertigens, delírio, zumbido nos ouvidos, batimento cardíaco acelerado. As rezadeiras classificam a congestão cerebral também como um “derrame”. Neste caso, além da benzimento para dor de cabeça, o doente pode ser rezado também de “arduvento”.

Constipação intestinal – Afecção caracterizada pela diminuição do ritmo intestinal, com menor frequência de evacuações; o mesmo que prisão de ventre.

Constipação, custipação ou curtipação – Termo empregado para resfriado, obstrução nasal e prisão de ventre. Para benzedeira, a constipação decorre do “arduvento” que, passado em alguém, provocando um choque térmico.

Dermatose – Designação genérica para doenças de pele; eritema (avermelhamento da pele e aumento do fluxo sanguíneo localizado); edema (inchaço provocada pelo acúmulo patológico de líquido proveniente do sangue no tecido cutâneo).

Derrame – Doença que provoca paralisias no corpo do doente. A paralisia pode ser nos braços, nas pernas, na face, apenas de um lado do corpo etc. Para as rezadeiras a causa de derrame é o arduvento ou ar-do-vento, que quando passa, deixa a pessoa quase parálitica, um lado fica meio adormecido, os olhos ficam meio ceguetos.

Dismintidura ou desmentidura – Torção, luxação; traumatismo muscular; descolamento de um dos membros do corpo (braço ou perna).

Erisipela, ezipra, zipra ou má-do-monte – É uma doença infecciosa de caráter violento, com tendência recidiva. Também conhecida como má-do-monte, maldita, ou mal-da-praia. Sintomaticamente, aparece sob a forma de placa cutânea vermelhada e saliente, mais ou menos extensa, de limites e superfície aveludada ao tato. Em estado avançado, pode ocorrer erupção de líquido purulento.

Espinhela caída – Anormalidade do apêndice ou espinhela. Sintomatologia – dores abdominais, vômitos, emagrecimento, dores e cansaço nas pernas e nos braços.

Fogo selvagem ou Fogo de Santo Antônio (herpes zoster). Ver cobreiro.

Gastrite – Doenças do sistema gástrico, ou seja, inflamação no estômago.

Insolação – Exposição ao sol. A pessoa pode contrair um mal-estar causado pela exposição demasiada ao sol, como desidratação, distúrbios neurológicos e musculares.

Mau-olhado – Acredita-se que este mal cause alteração na saúde, por influência de olhos maus, olhar de inveja, também conhecido como olho grosso, olho ruim e olho de secar planta. Dentre as pessoas mais vulneráveis ao mau-olhado, as crianças são as maiores vítimas. Na benzeção é utilizado, a vassourinha ou a arruda para benzer a pessoa portadora desse mal.

Mofina ou mufina – Pessoa que passa a definhar fisicamente ou materialmente. Muitas pessoas atribuem a morfina, a perda repentina de seus bens materiais, como:

casas, animais, emprego, a magreza, o cansaço, e o definhamento físico para trabalhar. Uma das causas da mofina é a inveja de um homem ou mulher em relação a (o) outro (a).

Olho gordo – Ver mau-olhado.

Reumatismo – Dores que se localizam, sobretudo, nas articulações do corpo

Tuberculose – Doença produzida pelo bacilo de Koch e que ataca mais especialmente os pulmões

Ventosidade – Flatulência, gases intestinais

Ventusidade – Para as benzedeiras este termo significa um formigamento inexplicado pelo corpo; tremor na carne que pode dar na face, nas pernas, no peito. Este tipo de mal está relacionado com a fase da lua nova.

APÊNDICE B- ERVAS, RAÍZES MEDICINAIS

Abóbora (cucúrbita moschata) – Outra espécie da mesma família é o jerimum (cucurbita pepo), Além do fruto dessas espécies, usam-se as suas sementes no combate aos diversos tipos de helmintos (verminose).

Água da lima ou suco de lima – Empregado para banhar os olhos em caso de conjuntivite, além de usar alívio das dores de estômago e rins.

Algodoeiro (gossypium barbadense) – Costuma-se usar a flor desta planta em caso de infecções na pele, gripe e bronquite. O algodão é utilizado em limpeza e curativos.

Alho (alliumsativum) – De amplo uso terapêutico. Usado contra gripe, quadros febris, bronquite e outros males.

Aroeira (myracrodruonurundeuva) – Emprega-se no tratamento de feridas, processo inflamatório do corpo e tradicionalmente empregado por parteiras no tratamento de cicatrização nos pós-parto.

Arruda (rutagraveolens) – Frequentemente usada no tratamento de mau-olhado, quebranto e banhos de descarrego. Sua eficácia é comprovada cientificamente no tratamento de varizes, asma, pneumonia e cefaleia.

Banana de Santomé (musa paradisíaca) – Utilizada nos casos de diarreia ou dores de barriga.

Bucha comum (luffacylindrinca), bucha paulista ou buchinha comum (luffaoperculata) – Usa-se o fruto e suas sementes secas para combater vermes e prisão de ventre (constipação intestinal).

Caiçara (moringaceae) – Usa-se no combate as dores diversas, sobretudo, intestinais.

Cajueiro (anacardiumoccidentale) – A casca (entrecasco) do cajueiro é freqüentemente usada para combater feridas; anti-inflamatório. O fruto é usado no combate a diarreia, pneumonia e tuberculose.

Canela (connamumzeylanicum) – Usada como coadjuvante por mulheres lactantes e em estado gripal.

Capim Santo ou capim limão (*cymbopogon citratus*) – É empregado no tratamento de estados febris e como calmante.

Carqueja (*baccharis trimera*) – É usada para combater gripe, dores reumáticas e outros males

Erva doce (*pimpinella anisum*) – Usada para combater flatulência, asma, insônia, indisposição, halitose e outros males

Enxofre – Substância que algumas benzedadeiras usam para cura do ar-do-vento.

Eucalipto (*eucalyptus globulus*) – Frequentemente é empregado pela população do Recôncavo no combate aos casos de bronquite crônica, asma, infecções das vias respiratórias e rinites. O banho da folha de eucalipto, serve também para combater dores reumáticas.

Jiquiriti, olho de pomba ou carolina miúda (*abrus precatorius*) – Suas sementes são tóxicas, podendo produzir envenenamento. Tem-se conseguido curar o tracoma (conjuntivite, inclusive crônico). Para este tratamento recomenda-se que para cada 1 ml de líquido da semente, se utilize 100 ml de água.

Lambedor – Xarope preparado caseiramente contra tosse e resfriado.

Landi (*colophyllum brasiliense*) – Usa-se a casca desta árvore para curar casos de espinhela caída e dores reumáticas.

Laranja (*Citrus sinensis*) – Sua folha e seu suco são usados com frequência, para curar gripes.

Lírio – A flor é usada para curar dores de ouvido.

Mastruz ou mastruço (*chenopodium ambrosioides*) – Empregado como vermífugo, contra gripes seguidas de tosses e coadjuvante nos casos de tuberculose pulmonar.

Mel – Excelente coadjuvante no combate à tosse.

Melissa ou erva cidreira (*melissa officinalis*) – É utilizada como calmante e estimulante do sono.

Óleo de “rícinio” ou de rícino – Óleo da mamona (*ricinus communis*) passado por processo de purificação. É usado como purgante e no combate aos vermes.

Pata de vaca, unha de vaca, pata de boi (*baubinia fortificata*) – É utilizada no auxílio do tratamento de pessoas diabéticas, além de ser empregada nos casos de constipação intestinal

Poejo (*menthapulegium*) – Bastante usada em casos de bronquite crônica, asma, estado febril, tosse, insônia e outros males

Quebra-pedra (*phylantusniruri*) – Utilizada como diurético, auxiliando no tratamento de cálculos renais.

Quina (*china officinalis*) – Geralmente é ingerida no tratamento de febre e utilizada externamente como cicatrizante.

Qui-ôï-ôï ou alfavaca (*ocimumamericanum*) – Empregado no caso de tosse, gripes e constipação intestinal

Quitoco (*plucheaquitoc*) – Usado no caso de dores reumáticas, bronquite, flatulência e insônia.

Romã (*punica granatium*) – Utiliza-se a sua casca e suas sementes em chás para gargarejos; usado no combate a rouquidão e inflamações na garganta.

Sebo de carneiro – Banha de carneiro, empregado em casos de luxação e fratura.

Sabugueiro (*sambucusaustralis*) – O chá de suas folhas secas é coadjuvante no tratamento de gripe, resfriado, febre, tosse, rinite, entre outros usos, pois tem ação cicatrizante e diurética.

Umburana ou amburana *claudi* (*tupiy-mbu*) – Empregada para aliviar mal-estar intestinal, vômitos, dores de cabeças e banhos.

Vassourinha (*scopariadulcis*) – Usada para expulsar os catarros pulmonares; é útil em caso de bronquite, no combate a febres e dores de um modo geral.

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Tia Quinha, onde a senhora nasceu?
2. Quem eram seus pais? Como era seu relacionamento com eles?
3. A senhora constituiu família?
4. Seu ofício de rezadeira limitou a senhora construir uma família ou seguir outro caminho?
5. O que é ser rezadeira?
6. Qual diferença entre rezadeira e benzedeira?
7. Como começou esse ofício de rezadeira e benzedeira? O que levou a senhora a começar nesse ofício?
8. Quais os tipos de rezas que a senhora faz?
9. Quais são as rezas que as pessoas mais lhe pedem para fazer?
10. Tem alguma reza que já não faz mais ou que as pessoas não pedem mais?
11. Quais as diferenças nos tipos de rezas de mau de olhado, dor de cabeça, ar do ventre caído, cobreiro, dor na coluna, “mal de intirissia”, cobreiro, dor nas pernas, torção nos dedos, dor de dente, garganta inflamada, erisipela, espinhela caída (companhia)?
12. Quais os objetos usados para rezar as pessoas?
13. Qual a relação, influência dos objetos que a senhora usa nas rezas e o mal a ser curado?
14. Porque o uso das folhas e dos objetos tipo cordão, terço?
15. Por que não reza criança pagã? E quando chega a rezar usa o terço?
16. O que a senhora pensa das palavras (rezas), na cura das pessoas?
17. Para a senhora o que é o dom da palavra?
18. A senhora acredita que é missão de Deus esse seu ofício?
19. 97 anos de reza, 104 anos de idade, o que lhe leva a pensar que é missão sagrada, sua dedicação de curar as pessoas através das rezas?
20. Como a senhora se sente depois que sua reza cura as pessoas que são rezadas?